

Venha você também participar do maior evento da psicologia brasileira:

1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia
de 5 a 7 de outubro de 2000

Parque Anhembi
São Paulo SP

psi

jornal de psicologia  crp sp

ano 8 • número 123 • julho / agosto 2000

A participação da psicologia na economia solidária

“A idéia da cooperação é poderosa. Existe a necessidade de cooperação até para o mal. Veja o que as CPIs estão mostrando. Mas o cooperativismo é uma ‘cooperação para o bem.’”

Walter Tesch, sociólogo. *FSP*, 10/01/2000.

“Os pobres precisam de muito pouco. Qualquer um que ofereça crédito colocará uma grande quantidade de pessoas no sistema financeiro. É um passo muito pequeno, de resultados muito amplos.”

Muhammad Yumus, fundador do Banco Grameen, em Bangladesh. *FSP*, 24/07/2000.

“As cooperativas buscam resgatar o sentido humano do processo de organização da produção.”

Sandra Quintela, do Inst. de Políticas Alternativas para o Cone Sul. *OESP*, 07/03/1999.

“A moeda é um meio, não é um fim. Uma das loucuras do capitalismo foi ter resumido a existência humana à busca exclusiva de riquezas, físicas e financeiras.”

Marcos Arruda, coordenador de projeto de rede de trocas populares, no Rio de Janeiro. *JB*, 07/08/2000.

Índice

02 Editorial
Cartas

Produtos

A coleção Qualificação Profissional e os vídeos do CRP SP

04 Diálogos

Rita Célia Brambila Bega, trajetória com enfoque na inclusão

Evento

Programe-se: a Mostra está chegando!

10 Economia solidária

Autogestão, alternativa viável

Opinião

Impera em São Paulo a lógica manicomial

16 Livros

O Estrangeiro explora os limites entre o político e o psicanalítico

Informática

Os mitos sobre os males da tecnologia

18 Notas

Telelactri, psicooncologia, tira-dúvidas...

Orientação

A imagem da Psicologia na mídia: tema polêmico

Agenda



Conselho Regional de Psicologia SP

Psí *Jornal de Psicologia CRP SP* é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

Diretoria

Presidente | Lumêna Almeida Castro Furtado
Vice-presidente | Odair Furtado
Secretário | Alexandre Nicolau Luccas
Tesoureiro | Rogério Izidro Duran

Conselheiros efetivos

André Isnard Leonardi, Bronia Liebesny, Carmem Sílvia Taverna, Katia Rubio, Leliane Gliscoe Moreira, Odette de Godoy Pinheiro, Mariângela Aoki, Rachel Contrucci Alvim, Sandra Maria Sawaya, Vânia Conselheiro Sequeira e Wanda Maria Junqueira Neves

Conselheiros suplentes

Ana Stella Álvares Cruz, Adalberto Botarelli, Carla Bertuol, Edinilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli, José Siqueira de Brito Lyra, Márcia Cabral Meireles, Maria Regina Namura, Milton Baldon, Rafaela Cocchiola, Sérgio Ozella, Sueli Pereira Pinto e Valéria Pereira

Gerente-geral

Diógenes Pepe

Comissão de Comunicação

Odair Furtado, Inez Guimarães Pistelli, Elizabeth Arouca, Katia Rubio, Elisa Sayeg e Rafaela Cocchiol

Edição geral | redação

Luís André do Prado (MTB 2212)

Reportagens

Cristiano Tsonis

Revisão de textos

Claudia Padovani

Fotos

Márcia Zoet, Agência Argos

Projeto gráfico e editoração

Fonte Design (11) 881 5892, 282 1944

Ilustrações

Gilberto Tomé, Juliana Migueletto e Fabiana Migueletto

Impressão

Folha Gráfica

Tiragem

44.000 exemplares

Periodicidade

bimestral

Sede CRP SP

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América
cep 05410 020 São Paulo - SP
tel (11) 3061 9494 fax (11) 3061 0306

E-mails

Diretoria | direcao@crpsp.org.br
Informações | info@crpsp.org.br
Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br
Administração | admin@crpsp.org.br
Jornal de Psicologia | jornal@crpsp.org.br
Site <http://www.crpsp.org.br>

Subsedes CRP SP

Assis | tel. (18) 322 6224, 322 3932
Bauru | tel. (14) 223 3147, 223 6020
Campinas | tel. (19) 243 7877, 241 8516, 243 6796
Ribeirão Preto | tel. (16) 620 1377
Santo André | tel. (11) 444 4000
Santos | tel. (13) 235 2324, 235 2441
São José do Rio Preto | tel. (17) 235 2883, 235 5047
Taubaté | tel. (12) 233 3867, 232 9357

Mostra cria rede nacional de práticas da psicologia

É com muito entusiasmo e empolgação que vemos se aproximar a data de realização da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, que acontece nos dias 5, 6 e 7 de outubro, no Centro de Convenções Anhembi, em São Paulo. Para nós, que estamos acompanhando passo a passo a montagem da Mostra, ela já começou. O envolvimento de mais de 4 mil autores com a preparação dos trabalhos que serão apresentados estabelece uma grande rede de profissionais que está tornando realidade a construção desse espaço inédito de troca, que nos possibilitará jogar luz sobre nossa prática profissional revelando sua potencialidade transformadora. O eixo do compromisso social aparece como elo entre os trabalhos, mostrando a pluralidade da ação psicológica em suas diversas inserções.

A criatividade dos expositores, que apresentarão seus trabalhos em formatos que vão

do teatro à mímica, da música ao vídeo, passando pelos painéis fotográficos e muitos outros, mostra uma efervescência cultural que marcará o evento. A organização das caravanas, que crescem em todos os estados, comprova que é um evento de todos os profissionais de psicologia deste país. Nós, que estaremos aqui em São Paulo, onde a Mostra acontece, temos mais ainda a possibilidade de sermos muitos, de estarmos presente de forma massiva. Procure a sua subsele para se informar sobre as caravanas que estarão partindo de sua região.

Outro assunto que tratamos nesta edição é a economia solidária, em particular o cooperativismo, problematizando as potencialidades e dificuldades dessa estratégia assumida cada vez mais por uma grande parcela dos trabalhadores brasileiros e que surge como uma opção também entre os psicólogos. Temos realizado vários eventos

em todo o estado, sempre contando com a participação significativa de profissionais, nos quais temos aprofundado o debate sobre essas novas formas alternativas de organização produtiva. A economia solidária representa não apenas uma saída possível diante do problema do desemprego, mas uma possibilidade de trabalho que escapa às estruturas empresariais hierarquizadas e autoritárias estabelecidas pelo sistema econômico hegemônico, em projetos que podem somar retorno financeiro ao compromisso social. A Mostra vai provar o quanto esse mercado pode ser amplo. Esperamos vocês lá.

Um abraço,

Lumêna Almeida Castro Furtado

Conselheira-presidenta do CRP SP

Cartas

Violência

➤ Gostei muito do último *PSI, Jornal de Psicologia*. A ênfase na questão social, a presença da Sílvia Lane, da Maria de Lourdes Trassí, as preocupações com a violência, com a ética e a transformação social, tudo isso me fez retomar uma forte identificação com vocês, aliás meu grupo de referência como psicólogos

Paulo Maldos, psicólogo, Capital, SP (por e-mail)

➤ Violência mais violenta! E a cada dia aumenta o número dos violentos! (...) A Constituição Federal, outorgada em 05/10/1988, "Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos" - art. 5º, inciso XLVII -, diz: "não haverá penas: alínea "C" "de trabalhos forçados". (...) A palavra "forçados" passa-me - será que só para mim? - sentido bastante pesado... E se "deslizássemos" de forma positiva na semântica? Aí para "trabalho regenerador" (ou termo que o valha). E então? Talvez seja por esse caminho! (...) Acredito muitíssimo no poder do prestígio e das "ferramentas" de argumentação/persuasão que os senhores detêm. Creio também na boa-vontade e no humanismo dos senhores.

Milton Carlos de Paiva, Capital, SP.

Nossa última edição situou a visão do CRP SP sobre a questão da violência e tratou das limitações da Psicologia em presídios. Não apoiamos medidas como "trabalhos forçados" ou "regeneradores". A redução da violência depende da adoção de políticas públicas intersetoriais, que reduzam a desigualdade social.

Trânsito

➤ Queremos parabenizá-los pelo jornal desse mês (edição 122). Pela primeira vez desde

que lemos este jornal temos uma matéria sobre Psicologia de Trânsito. Nós, como psicólogas de trânsito, necessitamos muito de matérias desse tipo, por favor continuem. Mais uma vez, parabéns! Essa matéria foi ótima!!!!

Débora e Giuseppina, psicólogas de trânsito, Capital, SP (por e-mail)

➤ Sobre a reportagem da última edição do jornal *Psi* "Sem Psicologia, mortes no trânsito poderiam ser maiores". Sou psicóloga do trânsito e atuo na cidade de Conchas, SP, a 160 km da Capital. (...) Existe um desconhecimento total da importância da avaliação psicológica. As pessoas não imaginam o que seja nem para que serve. Tenho feito esse trabalho de conscientização também. Porém, os problemas não acabam por aí. As auto-escolas não admitem um diagnóstico de inapto, porque deixam de ganhar. As autoridades e políticos locais também se acham no direito de opinar a respeito dos avaliados, além de me dizerem, se posso ou não dar inapto (sempre querem apto). (...) Para se ter uma idéia, o máximo de avaliações ao mês chega a 40, o que só é suficiente para arcar com os custos das instalações e com o material que utilizo. Formada em 1984 pela PUC, vejo cada vez mais o nosso trabalho sucumbir, em parte pelos maus psicólogos do trânsito e em parte pela inversão total de valores que hoje impera em nossa sociedade. Os psicólogos, cujo trabalho é norteado por valores morais e éticos, não podem exercer o que sabem e poderiam fazer. Até quando?

Lillian Pizzollatti Guareni Rossato, CRP 44945/06, Conchas, SP

Diante dos problemas expostos pela psicóloga Lillian Rossato, o CRP SP reafirma a defesa permanente que tem feito em favor de uma atuação profissional ética e responsável.

Imagem profissional

➤ No domingo, dia 20 de agosto de 2000, foi publicado o texto "Ouvido de Aluguel", de autoria de Débora Yuri e Roberto de Oliveira, na *Revista da Folha* (nº 432). Essa matéria foi motivo da capa da revista, onde lia-se: "Garçons, manicures e cabeleireiros improvisados como psicólogos". Enquanto isso, nós psicólogos, que nos formamos para exercer tal função, vemos nossos consultórios ficando vazios e assistimos a nossos representantes de classe, nosso Conselho, discutindo um tal de "Registro de Especialista em Psicologia", segundo Of. Circular ADP nº 377, que nada acrescentará à profissão e que de nada valerá se continuarmos permitindo que nossos clientes (ou pacientes, ou ainda consumidores) simplesmente troquem nossos consultórios por mesas de bar, cadeiras de barbeiro ou bancadas de manicure. Acredito que a função do CRP SP seja, principalmente, cuidar da imagem de nossa classe, deixando claro ao público que o que estamos fazendo é algo sério, competente e necessário para a melhoria da qualidade de vida neste mundo. De que adianta carregarmos na carteira um registro de especialista de algo que é descredenciado?

Sinéio Cabeggi, CRP 06/42911-3, Capital, SP (por e-mail)

A Comissão de Orientação do CRP SP concorda que a chamada da capa da Revista da Folha de 20/08/2000 foi inadequada, porque associou a profissão de psicólogo a pessoas que ouvem outras sem o mesmo compromisso profissional que a Psicologia exige. Porém, considera a reportagem esclarecedora das diferenças entre o trabalho do psicólogo clínico e o de um leigo disposto a ouvir.

Conselho lança coleção de livros e séries de vídeos

Uma parceria entre o CRP SP e a editora Casa do Psicólogo proporcionou a criação da coleção Qualificação Profissional, cujos dois primeiros volumes foram lançados em agosto último. Cada volume reúne um conjunto de artigos de especialistas que discute a prática psicológica em áreas específicas de atuação e resulta de evento promovido na sede do Conselho. O volume um da coleção é *Psicologia e Informática - Interfaces e Desafios*, e o volume dois é *Encontros e Desencontros da Psicologia do Esporte*, ambos aprofundando o debate sobre áreas emergentes e promissoras. Na verdade, essa coleção é apenas a primeira de um projeto mais ambicioso. "Nosso projeto é lançar quatro coleções. Um foco central na ação do CRP SP é a qualificação do profissional, em vez de investir numa política de fiscalização ostensiva, propósito a que essa coleção vem atender", comenta Alexandre Nicolau Luccas, conselheiro-secretário do CRP SP.

O volume *Psicologia e Informática - Interfaces e Desafios* suscita questões acerca do atendimento psicológico mediado por computador, como o polêmico uso da Internet auxiliar no atendimento psicoterápico, os relacionamentos nas salas de bate-papo, ou ainda se a informática pode nos tornar menos humanos. "Este livro é um dos primeiros lançamentos sobre esse tema no Brasil. Acredito que vá subsidiar uma discussão que certamente vai se ampliar, quando a Resolução, que está sendo elaborada pelo CRP sobre essa questão, for aprovada", define Alexandre.

Os textos de *Encontros e Desencontros da Psicologia do Esporte* problematizam os desafios colocados pela prática da Psicologia nos diferentes campos do esporte. Área que começou a se firmar recentemente, teve

início na verdade já na década de 50, quando o psicólogo João Carvalhaes atuava já como integrante da equipe técnica da seleção nacional de futebol. "Estes dois primeiros volumes exploram temáticas que apresentam efetivamente uma carência bibliográfica muito grande. Existem muitos trabalhos e pesquisas sobre esses assuntos, mas poucas publicações foram feitas até o momento", explica Alexandre.

A parceria com a Casa do Psicólogo justifica-se pelo fato de se tratar de uma editora especializada na área que também concentra ações em direções que convergem à adotada pelo Conselho. "Somos uma editora coerente com nosso projeto inicial de instrumentalizar o profissional com o que há de mais importante e atual na área, contribuindo para uma prática responsável e competente. Esta parceria abre um caminho facilitador para a divulgação do conhecimento produzido pelo estímulo do Conselho", comenta Ingo Bernard Gunterd, diretor da Casa do Psicólogo.

A coleção Qualificação Profissional terá continuidade com um livro resultante dos debates "A Psicologia no Mundo do Trabalho", que já rendeu uma série de vídeos com o mesmo nome (veja a seguir). Outro projeto é um volume sobre "Questões Éticas Atuais - pesquisa com seres humanos, Internet e homossexualidade - sob a perspectiva do Código de Ética do Psicólogo", a partir de evento realizado no último dia 26 de agosto no Conselho.

Videoteca CRP SP

Estão disponíveis para venda as fitas de vídeo dos seguintes projetos realizados pelo CRP SP por iniciativa própria ou em parceria com outras entidades:

Projeto Diálogos

Entrevistas gravadas bimestralmente com profissionais que tenham trabalhos de relevo na área da saúde mental, com o objetivo de divulgar e preservar suas trajetórias. Os entrevistadores são profissionais de psicologia ou outros que conheçam profundamente o trabalho do entrevistado. Até o momento, foram gravadas seis (todas publicadas parcialmente neste Jornal), mas, em VHS, temos apenas as seguintes fitas já disponíveis: *O relacionamento no foco da terapia, Içami Tiba.*

- *Em busca da sagrada singularidade da natureza humana, com Gilberto Safra, psicanalista.*
- *Ser humano à luz do seu comportamento, com Hélio Guilhardi, psicólogo behaviorista.*
- *Psicologia de resistência ao estabelecido, Maria Helena de Souza Patto.*

Laudos Psicológicos

Série de debates que discutiu os problemas e os limites éticos que o psicólogo enfrenta na área da avaliação psicológica. Realização conjunta com o CRP, com a Assoc. Bras. de Psicologia Jurídica e com a Assoc. Bras. de Psicologia Escolar e Educacional.

- *Avaliação Psicológica na Psicologia do Trânsito*
- *Avaliação Psicológica de Crianças Abandonadas e Jovens Privados de Liberdade*
- *Laudos Pericial Civil e Criminal - Limites Éticos*
- *Laudos Psicológicos - Fontes Indiretas de Informação sobre o Sujeito*
- *Laudos Psicológicos - Usos e Abusos no Processo Educacional*

A Psicologia no Mundo do Trabalho

Série de debates idealizada pelos integrantes da Comissão de Recursos Humanos do CRP SP, envolvidos com as discussões sobre diversidade, saúde do trabalhador e papel do profissional de Psicologia nas organizações produtivas.

- *Diversidade Cultural e Gestão por Competência*
- *Mundo do Trabalho e os Caminhos dos Recursos Humanos*
- *Qualidade de Vida no Trabalho e Sofrimento Psíquico*
- *Psicólogo Atuante em RH: Papel Profissional e Compromisso Social*
- *A História da Psicologia no Brasil e as Relações de Poder*

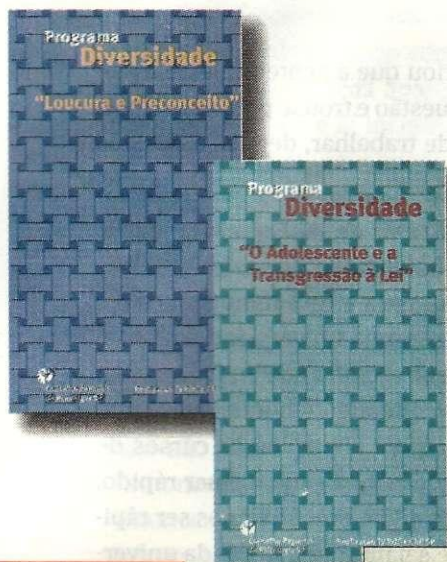
Programa Diversidade

Programas temáticos produzidos para televisão em parceria com a TV PUC. Em cada programa reunimos especialistas sobre determinado tema para um bate-papo, sempre conduzido pela perspectiva da Psicologia.

- *Diversidade 1: Loucura e Preconceito*
- *Diversidade 2: Adolescente e a Transgressão à lei*
- *Diversidade 3: A Exclusão no Mundo do Trabalho*
- *Diversidade 4: Psicólogo na Saúde Pública*

Como adquirir

Na sede do Conselho, recepção: qualquer fita VHS, R\$ 10,00; "Encontros e Desencontros da Psicologia do Esporte", R\$ 14,00; "Psicologia e Informática - Interfaces e Desafios", R\$ 18,00. Por Correio (solicite por carta ou por e-mail ou telefone à Secretaria do CRP SP). Acréscimo de R\$ 2,00 para custos de postagem. **Atenção:** em qualquer caso, o pagamento deverá ser feito por boleto bancário.



Percurso em defesa da inclusão



Rita Célia Brambila Bega, Santos, setembro de 2000.

A multiplicidade de experiências profissionais e a coerência permanente com o enfoque na inclusão marcam a trajetória de Rita Célia Brambila Bega, paulista de 48 anos, formada em Psicologia pela UnB em 1976. No início de sua carreira, Rita dedicou-se à reabilitação de pessoas com deficiência. Em seguida, trabalhou com comunidades carentes e crianças em situação de abandono. Atualmente, é professora da Universidade Católica de Santos e supervisora de estágio de Psicologia Institucional e Comunitária, atuando na área de Psicologia Hospitalar, na cidade de Santos, onde reside. Para entrevistá-la, reunimos os psicólogos Carla Bertuol, Florianita Coelho Braga Campos, André Isnard Leonardi e Eliana Bruno de Almeida Ferreira.

Florianita Campos - Como você chegou à Psicologia?

Rita Célia Brambila Bega - A minha vida profissional começou por exclusão. Eu queria estudar na Universidade de Brasília, UnB, essa era a escolha que eu tinha feito. Mas não tinha um curso definido. Peguei a lista dos cursos que havia lá e verifiquei os que não me interessavam. Sobrou a Psicologia. E eu me apaixonei como jamais podia imaginar por essa área. Eu tive, aliás, em Brasília, dois cursos: um de Psicologia e um da vida, porque vinha do interior, nunca tinha morado fora de casa e lá encontrei pessoas completamente diferentes. Entrei em 1972 e saí em 1976, uma época bastante complicada politicamente, em plena ditadura. Paralelamente à nossa formação universitária, nós discutíamos o destino do país e do mundo. Saí com uma crítica grande sobre as questões sociais. De Brasília vim para Santos, onde tive o meu primeiro emprego, que busquei nas Páginas Amarelas (risos). Não conhecia quase ninguém em Santos e só tinha uma certeza: queria trabalhar com

deficientes. Seleccionei as instituições que trabalhavam com deficientes e fui visitá-las. Escolhi uma instituição que achei interessante, me ofereci para trabalhar e eles aceitaram. Percebi então que a formação que eu tinha aprendido nos livros do Marx, nas discussões e em toda a atividade política de que participei complementavam a formação que a Psicologia pôde me dar, na época. Percebi que a exclusão ao deficiente não era diferente das outras categorias de exclusão. E assim percebi o quanto era imenso o trabalho que eu teria.

Carla Bertuol - Fale mais sobre sua formação na UnB. Não tinha outro jeito: a formação era behaviorista ou behaviorista?

Rita - De fato. Mas por outro lado houve uma coisa interessante. Nos estágios, eu sempre buscava trabalhar com o excepcional. Trabalhar com a questão da modificação de comportamentos e isso me levava a sair, participar de programas esportivos, ir à casa das pessoas... Penso que fazíamos uma espécie de acompanhamento terapêutico, que não tinha esse nome.

Isso propiciou que a gente pudesse avançar nessa questão e trouxe para mim a possibilidade de trabalhar, depois, a questão da inclusão.

Eliana Bruno de A. Ferreira - Como se deu sua habilitação nessa área?

Rita - Fui para a UnB também porque tinha de fazer uma universidade pública. E foi a melhor escolha que eu fiz na vida. Vivia a universidade 24 horas, quase morava no Campus. Fiz todos os cursos de verão, porque tinha de me formar rápido. Era época do 477 e precisávamos ser rápidos, porque saíam com a gente da universidade antes da hora. Como Psicologia é um curso "espera marido" (risos), terminei meu curso e em seguida fui morar em Santos atrás da única pessoa que conhecia lá: o meu marido. E percebi logo que em Santos tudo era muito diferente do que tinha aprendido, tanto na prática da Psicologia como em termos políticos. Decidi vir para a PUC, em São Paulo, e foi aí que encontrei interlocutores e comecei a entender a questão da inclusão e a perceber

para quem eu trabalhava, a que demanda eu atendia e como poderia fazer da minha escuta um instrumento de desenvolvimento da pessoa que eu atendia.

Carla - *Que dificuldades você enfrentou ao trabalhar com a inclusão num momento em que esta era uma questão nova.*

Rita - Eu trabalhava com educação especial integrando equipe especializada e fomos aprendendo que era importante ir à casa do aluno e tentar ao máximo colocar aquelas pessoas que freqüentavam a instituição para a reabilitação em escolas da rede municipal ou em escolas particulares. E as escolas já topavam na época ter alunos com síndrome de Down, com paralisia cerebral, com poliomielite. Tive alguns problemas com as diretorias das instituições que se sentiam ameaçadas. Cheguei a ser, uma época, demitida de uma instituição porque estava transferindo muitos alunos. Trabalhava em instituições subsidiadas pela LBA, que exigia que cada profissional apresentasse um laudo para cada criança atendida para provar que o serviço estavam sendo feito. Acontece que na instituição que eu trabalhava atendíamos cerca de 200 crianças, entre alunos que ficavam o dia todo e outros que só vinham para reabilitação. Se fôssemos cumprir essa exigência, não faríamos outra coisa. Não teria tempo para contatos com os professores, para contato externo ou para atender a grupos de mães, familiares... Então, fizemos uma proposta de mandar relatórios periódicos e por incrível que pareça conseguimos e pudemos caminhar de uma outra forma.

Eliana - *Como você avalia hoje o trabalho do psicólogo em equipes?*

Rita - O trabalho do psicólogo ainda é o de enfrentamento no sentido de caminhar com a equipe, de discutir objetivos. Na experiência que tenho no Hospital Guilherme Álvaro, dependendo do entrosamento, da maturidade profissional, as equipes podem desenvolver programas impensáveis. Na estrutura de um hospital público a gente precisa ter muito claro o quanto cada um pode fazer diferença. A equipe percebendo, tendo claro a quem ela está servindo pode desenvolver um espaço incrível de trabalho.

Carla - *Você trabalhou também como supervisora de abrigos para crianças e adolescentes na Prefeitura. Como você vê o psicólogo na formulação de demandas de atendimento de crianças que estão nessa situação?*

Rita - É importante situar a questão dos abrigos. Santos tinha uma proposta na administração anterior da Prefeitura de fazer com que crianças em situação de rua tivessem um abrigo e atendimento. Eu tinha experiência de trabalhar em comunidades periféricas, no mangue, na maior favela que tem na Baixada, que é a México 70, e em Santa Cruz dos Navegantes, na Pouca Farinha. E ali pude perceber que as crianças em situação de rua eram a ponta daquela outra população destas comunidades. E que a presença do operador social, das equipes, era de suma importância, mas muito complicada porque essas crianças queriam substituir o afeto daquele lar... Elas queriam o que qualquer criança quer: ter alguém como referência e presente. Eu fazia trabalho de grupo, uma

supervisão institucional em que ao mesmo tempo a gente trabalhava a questão das angústias, das ansiedades... Era um grupo terapêutico de supervisão. E eu podia perceber uma angústia grande, porque ao mesmo tempo que a equipe estava envolvida com aquelas crianças, elas nos mostravam a contradição de toda aquela situação. Uma das meninas abrigadas me abordou um dia na saída do equipamento e disse: "Tia, você é professora dos meus tios, não é? Você vem aqui discutir o que é que eles fazem com a gente.". Eu falei: "Mais ou menos isso.". Aí ela me disse: "Os tios não podem me dar dinheiro porque não são meus pais. Tem horas que são e tem horas que não são. Aqui eu tenho comida, escola. Mas como eu vou jogar fli-perama? Eu não tenho direito a isso?". Nessa simples questão estava uma coisa muito séria, que era ter uma referência de fato. Entendi, naquele momento, que a gente tem de buscar uma situação mais verdadeira para essas crianças. Fiquei pensando que é preciso trabalhar o modelo de famílias substitutas, alguém que tenha uma implicação de 24 horas com essas crianças.

Carla - *Como se deu sua participação no Sindicato dos Psicólogos de SP?*

Rita - Com minha vinda para a Capital, comecei também a participar de um movimento que discutia as questões da categoria. Um grupo grande de psicólogos se juntou no Sedes Sapientiae. Na época, o Abib desenvolvia um trabalho com comunidades e eu lia todos os textos que ele me passava, que ele escrevia. Também tive um contato com os textos do Di Loretto. E foi por aí que comecei a acreditar que a gente tinha de fato de ir para a comunidade. Fiz uma dissertação, uma pesquisa formal, mas aplicada, em educação especial, tentando provar que faltam aos alunos repetentes condições básicas e que eles não são pessoas incapazes. Depois, percebi que precisava me habilitar com os grupos, que seria um dispositivo muito importante para trabalhar nas comunidades. Mas isso demandava habilidade técnica. Por isso, fui fazer psicodrama. Minha formação acho que foi a mais longa de todos os psicodramatistas, demorou uns seis anos. Fiz o psicodrama aplicado, que era para não-psicólogos, e também o psicoterapêutico, para psicólogos. Atualmente,

estou tentando desinstitucionalizar também o estágio. É um outro atrevimento...

Florianita - *Qual é então a sua especialidade: educação especial, psicologia comunitária ou psicologia hospitalar?*

Rita - Não tenho especialidade. Eu acho que a gente tem de ter técnica, saber do que está falando. Quando faço um grupo, tenho que ter um referencial teórico e fazer uma leitura desse grupo.

“Na estrutura de um hospital público a gente precisa ter muito claro o quanto cada um pode fazer diferença. A equipe percebendo, tendo claro a quem ela está servindo, pode desenvolver um espaço incrível de trabalho.”

André Leonardi - *Como você vê a psicologia nos hospitais atualmente?*

Rita - Trabalho num hospital estadual e estou ali por um convênio que a universidade fez com a Secretaria de Saúde. Trabalho no curso de aprimoramento profissional. A gente entende que não dá para trabalhar com supervisão estando distanciado da instituição. Não dá para dizer: "Ah, a academia vem ao hospital dizer o que os profissionais têm de fazer.". Estou nesse trabalho há 13 anos e aconteceram grandes mudanças. Estamos vivendo uma experiência interessante. Trabalhávamos tanto nas enfermarias como em ambulatórios de especialidades. Mas começamos a perceber que nos ambulatórios de especialidades compúnhamos uma equipe, mas a fala dos médicos revelavam que havia alguma coisa estranha. Eles diziam: "Esse é o meu psicólogo, o psicólogo da minha equipe.". Hoje, mudamos essa situação. Temos trabalhado com programas, atendendo a população de forma geral.

A porta de entrada é o Programa de Espera Assistida, no qual fazemos discussões mais gerais sobre o que é um serviço público, o que aquele tipo de atendimento oferece. E temos, depois, os programas específicos para os quais as pessoas são posteriormente encaminhadas, cobrindo todos os ambulatórios. Por exemplo, temos o Programa Infante-juvenil e da Fa-



mília, para onde todos os ambulatórios infantis encaminham casos de atendimento psicológico. Criança obesa, criança com retardo de linguagem, com qualquer tipo de doença pode participar desse grupo e suas famílias também. Da mesma forma, fizemos o Programa da Saúde da mulher, o Programa de Cuidados Paliativos etc.

Carla - Então, vocês misturaram de novo o que a medicina separou: os gordinhos, os hipertensos etc., sob um outro tipo de leitura do sintoma.

Rita - Isso. Nossa principal dificuldade quando ousamos colocar essa proposta foi justamente achar uma forma de trabalhar, que começa pelo Programa de Espera Assistida. Por quê? Porque na Espera Assistida a gente tenta discutir um pouco a questão da qualidade de vida, da pessoa buscando seu espaço, questões da cidadania... Num primeiro momento, houve uma desestruturação e foi muito angustiante. A equipe rachou, houve conflitos sérios. E a gente pôde perceber que, no início, as pessoas atendidas resistem, questionam, chamam no canto para contar o problema que elas querem que você solucione. Mas elas puderam ir entendendo, e alguns médicos também, muito mais do que a gente imaginava, que teriam de se implicar... Então, depois de passar pela Espera Assistida, quando chegam no programa específico, elas já estão preparadas para o trabalho. E o crescimento tem sido grande. Estamos nesse trabalho há pouco tempo e já estamos vendo resultados in-críveis.

Carla - Na década de 1980, houve um movimento dos sanitaristas pela desospitalização. Estudos mostraram que uma porcentagem alta de ações executadas em hospital não precisariam estar ali... E foi exatamente nessa época que a Psicologia

“Nas questões teóricas que tínhamos, textos até antigos foram referências para que pudéssemos assegurar que estávamos num caminho que poderia dar uma resposta. Então me sinto muito coerente com o que aprendi nos livros. É uma tentativa de olhar mais amplamente para aquilo que os nossos mestres nos ensinaram.”

creceu nos hospitais. Será que nós andamos na contramão?

Rita - Acho justamente o contrário. Foi importante a entrada do psicólogo nos hospitais justamente para ajudar a entender essa questão da desospitalização. À medida que se consegue aderência ao tratamento, a pessoa consegue perceber o quanto é responsável por sua saúde e sai da posição passiva na convivência até com doenças crônicas. Que ela não precisa ser uma diabética, mas uma pessoa que tem diabetes. Assim, ela pode mais rapidamente sair do hospital. A Psicologia entra ao mesmo tempo que ela sai... Chegamos ao cúmulo de ver pessoas que se sentem

melhores hospitalizadas que em casa. Que falta de atenção essa pessoa tem? À medida em que trabalhamos, essa pessoa, sua família e sua casa, podemos fazer com que se responsabilizem por suas vidas. Uma forma de a gente avaliar nosso trabalho é verificar o número de reinternações. É bom sim ter o psicólogo no hospital. É muito importante, até para que haja desospitalização.

André - Hoje está se falando muito no comprometimento social da Psicologia. Como você pensa essa questão?

Rita - Não dá para pensar qualquer profissão sem o compromisso social. Não é possível trabalhar e mesmo viver neste país sem pensar a questão do meio ambiente, do lixo... O lixo, por exemplo, também é uma questão de saúde pública. Eu trabalho em um hospital, e meu trabalho então está muito relacionado com isso. Nós existimos enquanto seres humanos, enquanto mães, enquanto profissionais! Tudo está vinculado e seria incoerente eu dizer do meu compromisso enquanto psicóloga, mas de repente sair dirigindo de uma forma absurda por aí, botando em risco a vida de pessoas. O compromisso é inerente a qualquer profissional que pretende construir alguma coisa.

Florianita - Como esse compromisso social foi incorporado enquanto postura profissional?

Rita - Viver é um desafio, principalmente nessa ordem global que está aí. Quando pensamos essa mudança da atuação, principalmente no hospital, nos baseamos em referenciais teóricos. Os grandes mestres justamente diziam que deveríamos trazer essa população para um compromisso. Como conseguimos superar os conflitos? Pegando nossos livros e trazendo-os para a discussão. Foi tecnicamente que esse compromisso pôde ser referendado... Nas questões teóricas que tínhamos, textos até antigos foram referências para que

pudéssemos assegurar que estávamos em um caminho que poderia dar uma resposta. Então me sinto muito coerente com o que aprendi nos livros. É uma tentativa de olhar mais amplamente para aquilo que os nossos mestres nos ensinaram.

Carla - Em sua experiência como docente, temos agora uma meninada se formando, mas o desemprego no país aumentando. Como você pensa isso?

Rita - Também o campo para o psicólogo está aumentando. Existe uma perspectiva de trabalho muito boa para o psicólogo. Está faltando a gente descobrir onde o emprego está... Estamos numa fase de transição. Penso como seria uma outra relação de trabalho, sem o vínculo empregatício. Estamos tendo de aprender a planejar, a avaliar, a trabalhar em um espaço que não tem um *setting* reservado. Essa é uma dificuldade e a gente tem resistido muito a isso. Vamos ter de construir essa nova fase de trabalho, não sem dor, não sem muita discussão e ousadia, mas com uma perspectiva muito interessante, pois poderemos trabalhar mais com as questões psicossociais. O estudo com famílias em risco, que desenvolvemos atualmente com estagiários, pode ser um aprendizado. Vejo muita gente conseguindo se colocar e propor novos trabalhos. Vai ser uma outra forma de sobrevivência e de vivência. Não dá mais para sonhar com o príncipe encantado. Não vamos fazer Psicologia para ter ascensão social. Ninguém pode pensar seu exercício profissional como uma forma de enriquecer. É uma realidade que temos de encarar. Essa história neoliberal de dizer que você tem de se habilitar ao máximo possível para ser empregável, vejo de outra forma. Você vai ter de ser verdadeiro e se compromissar para conseguir encontrar seu espaço profissional. A perspectiva é boa, mas não dá para ficar sonhando. Vamos ter de encarar. É um desafio.



A psicologia brasileira mostra seu compromisso social!

Chegou a hora da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia. Nos dias 5, 6 e 7 de outubro, o Palácio das Convenções do Anhembi abrigará o maior evento já realizado pela Psicologia brasileira. Nada menos que 1.537 trabalhos de psicólogos e graduandos em Psicologia, relacionados com a área social, estarão sendo apresentados em estandes e de outras formas. Realizada pelos quinze Conselhos Regionais de Psicologia e pelo CFP, a Mostra mobilizou profissionais de todos os cantos do Brasil. Os projetos contemplam várias áreas de atuação profissional: saúde, educação, psicologia jurídica, comunidade, criança e adolescente, trabalho, violência, formação, melhor idade, trânsito, família e mulher. Estarão distribuídos nos estandes da grande feira por assunto, formando ruas temáticas.

As diversas áreas de atuação e os diferentes locais de origem apontam para uma heterogeneidade criativa, que flui no entanto para uma mesmo ponto comum: o enfoque na psicologia com compromisso social. "Esta Mostra representa para a nossa categoria uma grande oportunidade de apresentar a profissão de psicólogo de uma maneira diferente da qual ela é sempre, estereotipadamente, vista pela sociedade, ou seja, como uma profissão fechada aos problemas do indivíduo, subjetiva. A Psicologia não se resume a isso, e a Mostra não vai deixar dúvidas a respeito", afirma Lumena Furtado, conselheira-presidenta do CRP SP.

1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia

Psicologia e compromisso Social

O universo de trabalhos expostos é extremamente rico. Aqui podemos oferecer apenas uns poucos *flashes* do que será apresentado:

- **Projeto "Resgate e valorização da arte de partear das parteiras tradicionais do estado do Amapá"**, inscrito pela psicóloga paulista Maria Otacilia Battistelli e realizado no Amapá, região Norte. Realização de cursos de capacitação das parteiras, difundindo medidas preventivas para evitar complicações no parto, noções de direitos reprodutivos e de integralidade da saúde. O objetivo é contribuir com a redução da mortalidade materna e infantil.
- **Projeto "A Psicologia dentro do currículo médico: um caminho de transformação"**, inscrito pelo psicólogo baiano Antônio Carlos Costa e realizado na região Nordeste. Experiência de inclusão da disciplina Psicologia Médica na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, na qual o próprio Antônio Carlos é professor.
- **Projeto "Centro de Referência de Estudos da Infância e da Adolescência: estudos e projetos"**, inscrito pela psicóloga Catarina Pereira da Rosa e realizado em Corumbá, Mato Grosso do Sul, região Centro-oeste. Produção de estudos e pesquisas sobre a situação das

crianças e dos adolescentes no Estado, além da reunião e divulgação de informações e pesquisas sobre a temática da infância e da adolescência. O Creia tem pesquisas em desenvolvimento nas seguintes áreas: trabalho infantil; uso de drogas; exploração sexual, violência e abuso contra crianças e adolescentes.

- **Projeto "Capacitação Profissional: uma possibilidade de inclusão social para portadores de deficiências"**, inscrito por Valquíria Inês Breyer Lopes, de Estrela, Rio Grande do Sul. Experiência de uma equipe de psicólogos junto a adolescentes portadores de deficiências que freqüentam o Instituto Pestalozzi. O objetivo é o resgate da cidadania e a inserção social desses adolescentes no mercado de trabalho.

- **Projeto "Programa de orientação para usuárias do Centro Integrado de Atendimento à Mulher"**, inscrito pela estudante de Psicologia Patrícia Cristina de Toledo, de Bauru, São Paulo. O trabalho surgiu como atividade da disciplina "Prática de Ensino" da Unesp de Bauru e caracterizou-se como um programa de orientação sexual. O principal objetivo é informar sobre questões relativas à sexualidade, importância do planejamento familiar e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. ●

Agende-se

A arte marca presença

A agenda cultural da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia é um motivo extra para você não deixar de comparecer no Anhembi. Diversos trabalhos inscritos pelos psicólogos expositores envolvem música, artes plásticas, fotografia, psicodrama, dança etc. Mas a organização da Mostra montou ainda uma programação extra, com artistas amadores e profissionais de primeira. Confira!

A Juventude de Diadema Unida pela Paz apresentará os espetáculos "Retratos da Violência: 500 anos de convivência" e "ECA! Para onde vai este Estatuto". O Grupo Coral 4 Vozes, que existe há 7 anos e já é conhecido em São Paulo pelas apresentações afinadas com os eventos, apresentará vários gêneros de música brasileira.

O show de encerramento, que vai acontecer no dia 7, a partir das 16h00, reunirá a banda Karnak e o cantor e compositor paraibano Chico César, numa apresentação imperdível. A abertura será feita pelo Karnak, liderado pelo multiartista André Abujamra, que iniciou carreira em 1992 e rapidamente conquistou prestígio por aqui e no exterior, emplacando sucessos como "Alma Não Tem Cor" e "Comendo Uva na Chuva". A marca registrada do Karnak é a fusão de gêneros musicais - que já lhe valeu o rótulo de *wordmusic* -, num casamento feliz com letras críticas e bem humoradas, muitas vezes utilizando línguas arcaicas. A atual formação da banda é a

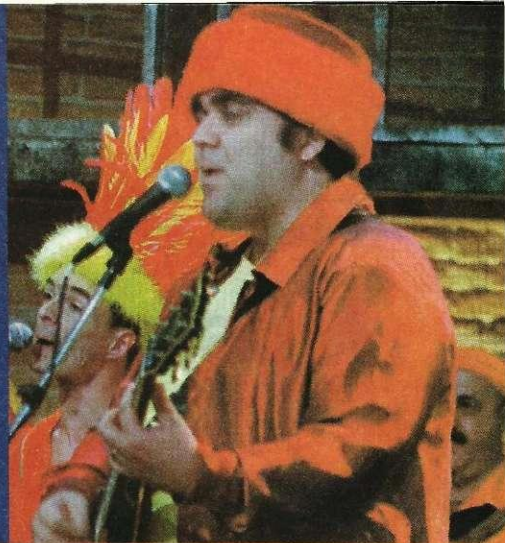
seguinte: André Abujamra, vocal e guitarra; Eduardo Cabello, guitarra; Hugo Hori, *backing vocal* e sax; Kuki Stolarski, bateria; Marcos Bowie, *backing vocal*; Serginho Bartolo, baixo.

Paraibano de Catolé do Rocha, Chico César fecha a festa com seu repertório sofisticado, alternando canções-poemas românticas com uma saborosa salada de ritmos afros, misturando influências que vão de Luiz Gonzaga a Bob Marley e Jackson do Pandeiro. Chico desembarcou em São Paulo no ano de 1985, trabalhando inicialmente como jornalista e fazendo pequenos *shows* em bares e teatros alternativos. Decidido a se dedicar apenas à música, participou de alguns festivais e, em 1994, gravou o CD "Aos Vivos", que emplacou não apenas o *reagae* "Mamma África" como também "À Primeira Vista", projetando-o nacionalmente. Em seguida, vieram os CDs "Cuz, Cuz Clã", "Beleza Mano" e o mais recente "Mama Múndi".

As atividades artísticas continuam com a divulgação dos resultados do 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, aberto a artistas usuários de instituições de saúde mental, e do 1º Concurso Palavras e Imagens, aberto a psicólogos que produzem arte. Os dois concursos aceitaram obras de poesia, artes plásticas, fotografia e premiarão os três primeiros colocados de cada categoria. A entrega dos prêmios acontecerá no dia 6 de outubro. ●

Jayne de Carvalho Jr/Folha Imagem

Foto de divulgação



Acima: André Abujamra e banda Karnak, fusão de gêneros musicais. Ao lado: Chico César, poética precisa.

Comunicação

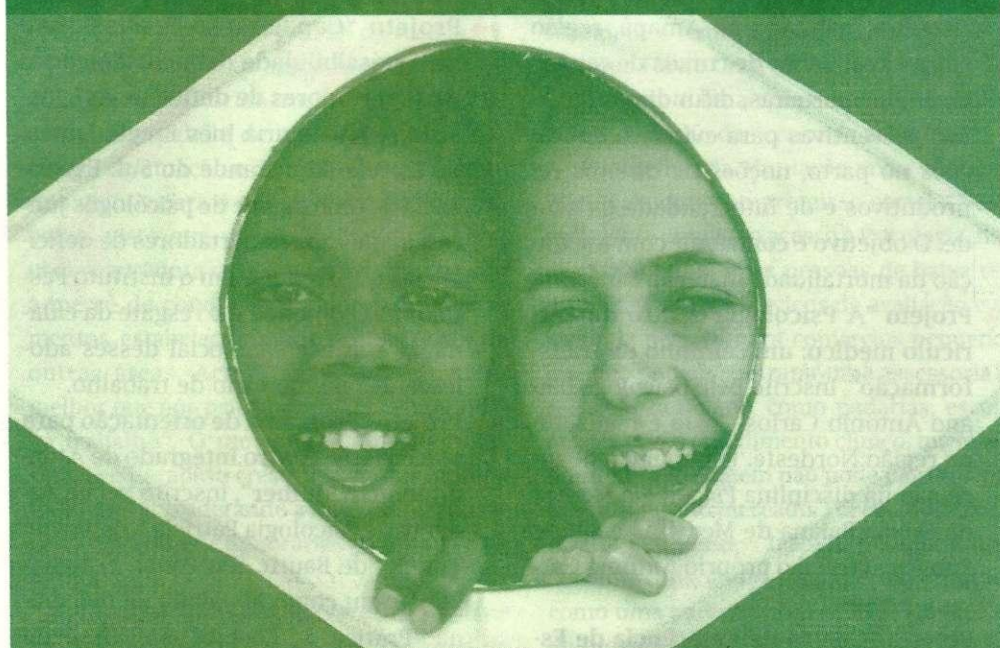
TV ao vivo, durante os três dias de festa

Vai ser uma loucura! Durante todos os três dias de Mostra, uma TV comandada por integrantes do Movimento da Luta Antimanicomial vai agitar o Anhembi, com transmissões ininterruptas ao vivo para três telões instalados em pontos estratégicos do Centro de Convenções. A programação é de perrar a cabeça de qualquer um: você vai se divertir e se informar à beça com as entrevistas de nossos repórteres e os enquadramentos jamais ousados de nossas câmeras, todos integrantes de entidades de usuários, familiares e técnicos de serviços de saúde mental que formam o Fórum da Luta Antimanicomial de São Paulo. A TV vai botar o mundo das comunicações de pernas para o ar. Vá lá conferir. ●

Campanha

Diga não à redução da idade penal

O FUTURO DO BRASIL NÃO MERECE CADEIA



Programação

14h30 Operação Diamante e outras bandas de rap; Discípulos do Ritmo (dança de rua).

15h30 Tribuna Livre: manifestações livres e leitura do Manifesto Contra a Redução da Idade Penal.

Grafite Durante todo o evento, Juneca estará grafitando um painel sobre o tema.

Informações no telefone (11) 3061-9494.

Apoiado por várias entidades que defendem os direitos das crianças e dos adolescentes, o CRP SP estará lançando no dia 6 de outubro, no Anhembi, a partir das 14h, durante a Mostra, a Campanha Contra a Redução da Idade Penal, que tem como *slogan* "O futuro do Brasil não merece cadeia". Desde o primeiro semestre deste ano, o Conselho vem se manifestando a respeito da questão através de um Manifesto amplamente divulgado, no qual expõe as razões pelas quais se posiciona contrário às propostas que têm sido aproveitadas no Congresso Nacional pela redução da imputabilidade penal de 18 anos, como define a Constituição, para 16 anos. Para o Conselho, os defensores da redução da idade penal estão transformando o adolescente em "bode expiatório responsável pelo clima de violência e insegurança social", criando uma "cortina de fumaça que desvia a atenção da opinião pública sobre as causas reais da violência".

O lançamento da campanha acontecerá em clima de festa, com participação do público jovem e de artistas adolescentes, incluindo bandas de rap, dança de rua e arte-grafite. Não perca. ●

Naelson, a sina de zelar pela saúde do povo

A programação da Mostra inclui também homenagens a cidadãos brasileiros com atuações destacadas na área social. Receberão homenagens póstumas o sociólogo Hebert de Souza, o Betinho, e o educador Paulo Freire. Os demais homenageados são o escritor Frei Betto; João Pedro Stedille, líder do MST; Raimundo Faoro, jurista; Maria Helena de Souza Patto, psicóloga; Sebastião Salgado, fotógrafo; Chico Buarque de Holanda, cantor e compositor; Paulo Delgado, deputado federal; Mário Sérgio Cortella, educador; Márcio Thomaz Bastos, advogado; Rubem Alves, escritor; Luiz Fernando Veríssimo, escritor e Naelson Correa Guimarães, representante dos usuários no Conselho Estadual de Saúde de SP, de quem publicamos ao lado um perfil de carreira.

Ele pode dizer sem titubear: "Meninos, eu vi!". Aos 79 anos, Naelson Correa Guimarães é um homem com uma experiência de vida incomum, testemunha ocular de acontecimentos históricos importantes do último século. Com 14 anos, presenciou a precipitada Intentona Comunista, em 1935; assistiu depois à truculência do Estado Novo de Getúlio Vargas, época em que fez militância política em plena Juazeiro do Norte de Padre Cícero. Natural da cidade de Amaraji, zona açucareira do Estado de Pernambuco, nascido em 6 de maio de 1921, ele ainda guarda lembranças do momento da deflagração da Intentona de 1935 e da perseguição que sua família sofreu por causa da militância política do pai. "Em Recife, passamos a noite ouvindo tiroteio de metralhadora e tiros de canhão, mas participação em luta armada não tivemos. Fomos para a Paraíba e, depois, para o Ceará. Lá, passei a ter atividades políticas no Partido Comunista do Brasil. Era jovem e acreditava em abolir o capitalismo selvagem e acordar no socialismo", relembra.

Lutar pelo socialismo numa região marcada pela extrema pobreza e pelo misticismo religioso exacerbado foi a sina de Naelson, no Ceará. "Em Juazeiro, tive atividade política na região do Cariri, onde havia o estigma do Padre Cícero. Cheguei a discursar para mais de 5 milromeiros." Trabalhava como jornalista do Imprensa Popular e a vida de ativista era dura. "Olhava mais para a ideologia que para a própria realidade. O Partido pagava uma mensalidade mínima para a gente. Era preciso ter uma companheira bastante compreensiva, senão a família explodia", conta. De Juazeiro, partiu para o Rio de Janeiro, onde desembarcou em 1959. Naelson atuava no Sindicato dos Operários Navais, em Angra dos Reis, quando estourou o golpe militar de 1964. "Sofri repressão, mas nunca fisicamente, porque eu não dei sopa", afirma. Respondeu a quatro Inquéritos Policial Militar e chegou a ser condenado a cinco anos de prisão. "Fui julgado à revelia. Começaram com 12 anos e depois fizeram uma reconciliação para cinco anos. Mas aí eu já tinha de-



Naelson Guimarães: uma vida de lutas por justiça social.

saparecido; vim para São Paulo e depois fui beneficiado com a anistia", relembra.

Em São Paulo, Naelson recomeçou a luta, atuando no movimento da saúde. "Eu nunca parei de ter atividade. Me desliguei do Partido e fiquei sem partido até hoje. Li muito sobre o SUS, sobre a reforma sanitária e eu me integrei a esse movimento. No início, a minha atuação foi básica. Hoje, estou no Conselho Estadual de Saúde", conta. Seu objetivo é atingir um serviço de saúde pública de qualidade. "Nosso serviço está sucateado; isso é da maior irresponsabilidade. Se você chega ao Instituto do Coração, numa emergência, demora, mas você é atendido pelo SUS. No restante dos hospitais, há duas filas, a do SUS e a dos convênios e particulares. Isso dentro do serviço público", critica.

Ele não se cansa de denunciar as enormes carências de nosso serviço público, mas também tem consciência de que a desinformação do povo sobre seus direitos é uma das causas do mau tratamento que lhe é dispensado pelos governantes. "A população não defende seus direitos e não os conhece. Acha que está sendo premiada quando recebe qualquer atendimento", lamenta. Como representante do povo, Naelson sente-se "entre o mar e o rochedo". É uma luta que esse homem já tão vivido afirma ser a mais árdua de todas dentre as que enfrentou na vida. "Nunca recebi uma tarefa tão difícil como a de ser representante dos usuários dentro do Conselho Estadual de Saúde de São Paulo." Mas isso não quer dizer que ele esteja amolecendo. Na altivez de seus quase 80 anos de luta por justiça social, ele ainda aposta: "Só poderemos mudar esse quadro se houver um processo de organização, que não é fácil conseguir. Temos de criar uma situação em que haja maior respeito ao ser humano". ●

Anote aí

A 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia acontecerá no Palácio das Convenções do Anhembi, Rua Olavo Fontoura, 1.209, São Paulo, SP. Entrada gratuita. Maiores informações no Disk-mostra 0800121106. Excepcionalmente, o programa de TV Diversidade, tendo como tema "Psicologia e Compromisso Social", será gravado durante a Mostra, no dia 06 de outubro. Caravanas do interior de São Paulo para Mostra: informe-se na subsede de sua região.

Programação oficial

05/Out	06/Out	07/Out
10:00 Início: Swing Na Lata – Maculelê	09:00 Abertura 2º dia/Mostra	09:00 Abertura 3º dia/Mostra
11:00 Solenidade de abertura	14:30 "Retratos da Violência: 500 anos de convivência" (teatro)	10:00 Swing na Lata/Dança Afro e Bateria de Sucata
11:30 Mesa-redonda "Compromisso social: as urgências da sociedade brasileira e seu processo de transformação" (Márcio Thomaz Bastos, Naelson Guimarães, Marco Rolin, Paulo Delgado)	15:00 Peça: "ECA! Para onde vai este Estatuto" (teatro)	12:30 Coral 4 Vozes
14:00 Abertura dos trabalhos	15:30 Morungaba (performance de expressão corporal)	13:00 Mesa-redonda "Compromisso social: as urgências da sociedade brasileira e seu processo de transformação" (Mário Sérgio Cortella, Pedro Stedille, Maria Helena Souza Patto)
14:30 Grupo de Teatro Ensaio	18:00 Encerramento das atividades do dia	16:30 Show de Encerramento: André Abujanra e Karnak/Chico César
16:30 Conferência do Frei Betto		18:00 Encerramento da Mostra
18:00 Encerramento das atividades do dia		

Todos trabalhando pelo

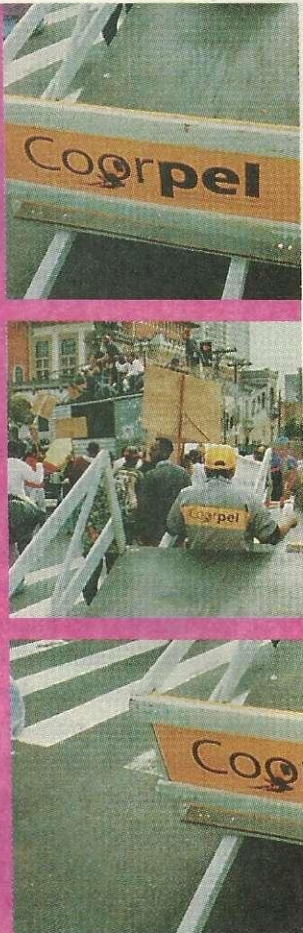


foto | Acervo da entidade

A face mais cruel do capitalismo neoliberal globalizado dessa passagem de milênio é o desemprego. Ele avança na mesma proporção agressiva com que a tecnologia evolui, oferecendo novos e eficientes recursos capazes de ampliar a produtividade das máquinas industriais. Segundo o Dieese, na região metropolitana de São Paulo foi detectada em 1999 uma taxa de desemprego de 19,3%. "Um grande número de pessoas está sendo expulsa das atividades produtivas, seja porque as empresas estão fechando, seja porque estão se modernizando", afirma Paul Singer, professor titular da Faculdade de Economia e Administração da USP.

Esse quadro tem estimulado a busca de alternativas para os desempregados que não sejam a economia informal ou a exclusão definitiva. Por meio de seus docentes e pesquisadores, as universidades e entidades classistas têm contribuído nessa busca, que aponta para a chamada "economia solidária". "Eu diria que o surto de economia solidária acontece exatamente em resposta a esse quadro neoliberal. As pessoas marginalizadas tendem a procurar soluções individualmente. Isso tem limitações muito grandes, pois os mercados onde as pessoas podem ser competitivas individualmente são poucos e estão saturadíssimos em função, exatamente, dessa transformação. Então, a economia solidária é na verdade o auto-emprego coletivo de pessoas que querem voltar à produção social. Seja em cooperativas ou de outras formas associativas de trabalho. Ao se juntarem, as pessoas ganham condições de competir no mercado com empresas médias e até grandes e, com isso, viabilizam sua reinserção", comenta Singer.

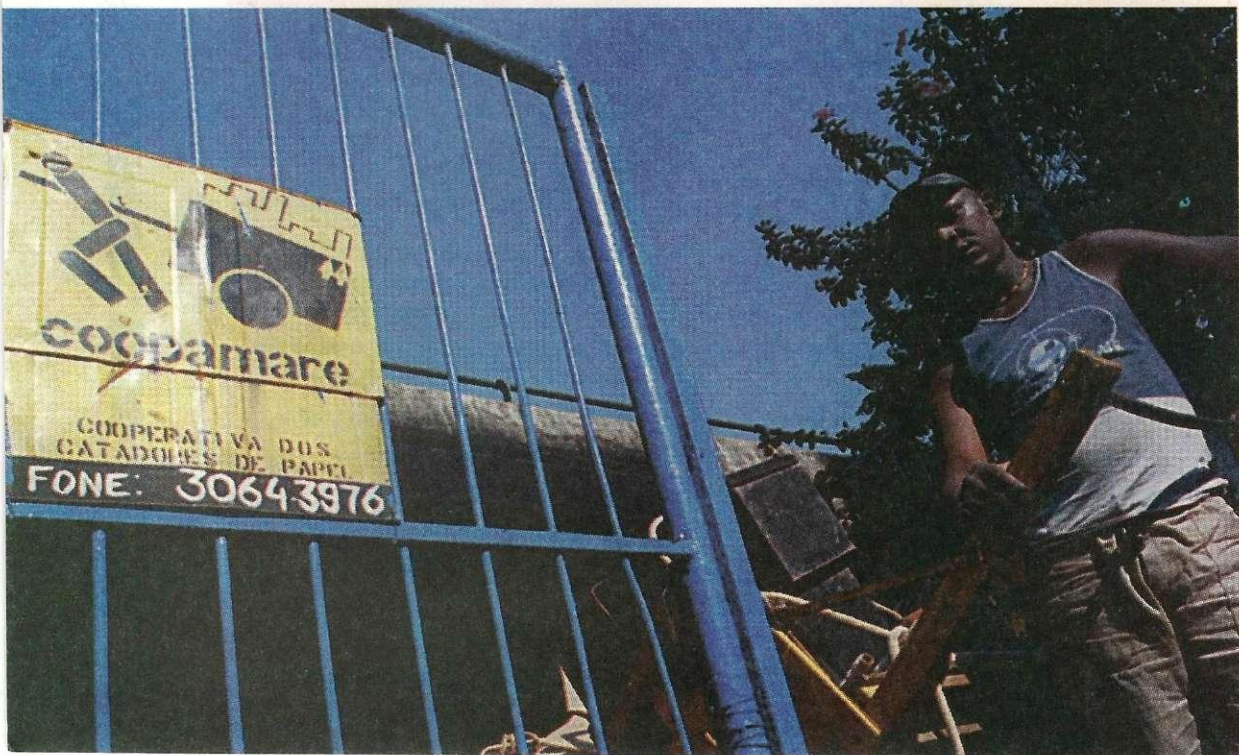
O principal instrumento da chamada "economia solidária" tem sido a empresa cooperativa, que consiste em um agrupamento de indivíduos para exercer uma atividade econômica de forma autogestionária. Em outras palavras, pessoas unidas para trabalhar e gerar renda sem ter patrões. Uma cooperativa não visa ao lucro: todos os participantes são sócios e têm

direito a voto nas decisões e nas eleições de sua diretoria. Além disso, não existe o vínculo empregatício - os ganhos são repartidos de forma igualitária e não existe a figura dos dono dos meios de produção. Visto assim, isoladamente, o cooperativismo ganha auras utópicas de sistema alternativo ao regime de propriedade privada dos meios de produção. O detalhe é que ele não está isolado do mundo, mas inteiramente imerso e absorvido pela economia capitalista. Por isso mesmo é que precisamos saber distinguir muito bem de que cooperativismo estamos falando, porque há por aí cooperativas e cooperativas... E algumas se distinguem muito pouco das empresas capitalistas convencionais.

No universo da economia solidária, as modalidades de razões jurídicas variam entre as associações e as empresas cooperativas ou as empresas acionárias normais em regime de autogestão (sociedades anônimas ou limitadas). Temos, por exemplo, casos de empresas capitalistas normais que, após entrar em falência, foram assumidas por seus funcionários, transformados em acionistas, mas que continuaram existindo com a mesma razão jurídica. "Esses conceitos são, em grande medida, sinônimos. Talvez a diferença esteja no fato de que, para as cooperativas, a lei brasileira exige que haja no mínimo 20 sócios. Temos muitos casos de grupos que somam menos de vinte sócios e, por isso, passam



A economia solidária se expande no país: são várias as cooperativas de taxistas, como a Coopertaxi; de catadores de papel, como a Coopamare e a Copel.



Mariene Bergamo/Folha Imagem



Greg Saliban/Folha Imagem

bem de todos

a trabalhar em regime associativo ou como empresas autogestionárias. Vale dizer que grande parte do movimento de economia solidária não está formalizado, por várias dificuldades, inclusive essa de ter um patamar mínimo de sócios, que é completamente fora da realidade”, comenta Singer.

Para Gonçalo Guimarães, pesquisador da Coope/UFRJ, as diferenças entre essas modalidades seriam mais acentuadas. “Cooperativas são empresas; portanto, podem comercializar serviços e produtos. Já uma associação não é uma instituição comercial, mas uma razão jurídica que serve para a reunião de pessoas em defesa dos interesses de determinado grupo. No caso das empresas acionárias de autogestão, as diferenças com as empresas cooperativas são mais conjunturais que de princípios”, argumenta.

As cooperativas apresentam formas de atuação bastante diversificadas: podem ser de consumo (quando seus associados se unem para consumir produtos e serviços, obtendo preços mais acessíveis); de comercialização (pequenos ou médios produtores agrícolas ou artesanais reunidos para vender seus produtos e comprar equipamentos e matérias-primas); de produção (empresas de produção coletiva agropecuária, industrial ou de serviços, nas quais os associados trabalham prestando determinados serviços). Nesse último tipo, estão inseridas as chamadas cooperativas de trabalho. Embora haja grandes diferenças entre os vários tipos de cooperativas, todas devem primar pela democracia e igualdade. Seus dirigentes devem ser eleitos pelos sócios e as diretrizes discutidas e aprovadas em assembléias gerais.



No frígir dos ovos, é justamente o cumprimento desses princípios o que permite distinguir as pseudocooperativas (chamadas cooperagos) das verdadeiras. “Se as pessoas que formam uma cooperativa não têm um projeto econômico e político, além de um intenso trabalho em conjunto, a empresa correr o risco de viver uma mudança de destino. Sem a participação intensa de todos, pode ocorrer, por exemplo, de dirigentes assumirem uma relação diferenciada com os demais, criando uma nova casta interna. Ou, ainda, ela poderá se transformar em uma empresa capitalista tradicional”, alerta Gonçalo.

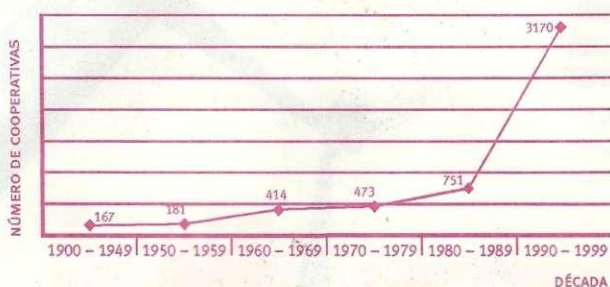
Nos países capitalistas desenvolvidos, a economia solidária tem aumentado sua presença. Segundo Paul Singer, Israel, Canadá e todos os países escandinavos têm uma tradição cooperativa importante. Dentre esses últimos, está a Islândia, país pouco conhecido que tem 70% de sua economia constituída por cooperativas. Mas é curiosamente de Bangladesh, um dos países mais pobres do mundo (ocupa a 150ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, dentre 174 nações), que vem

Acervo Anteag



Cooperativa Cooperjeans, que foi incubada pela Anteag, em dois momentos: em assembléia de formação e já em atividade.

Evolução no nº de cooperativas de acordo com a década de fundação | Brasil



COOP. QUE NÃO INFORMARAM A FUNDAÇÃO: 496

Fonte: OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras/ dezembro de 1999

Contatos

Anteag, Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão: (11) 3106-4524, www.anteag.org.br

Unitrabalho: (11) 3873-6965, 262-4530, 263-2156, www.unitrabalho.org.br

Agência de Desenvolvimento Solidário/CUT, Central Única dos Trabalhadores: (11) 3272-9411, www.cut.org.br

Ocesp, Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo: (11) 5574-5288, www.ocesp.org.br

OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras: (61) 225-0275, www.ocb.org.br

Sert, Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho: (11) 227-0539, 227-5798, www.sert.sp.gov.br

ITCP, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares/USP: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, travessa 4, bloco 28, (11) 3818-5828

um dos exemplos mais animadores em economia solidária. Foi lá que o professor de economia Muhammad Yumus fundou o Banco Grameen, instituição que concede empréstimos pequenos para pessoas pobres e em estado de miséria. Pesquisando a origem da fome, Muhammad descobriu que ela poderia ser evitada se as pessoas conseguissem pequenos empréstimos. As quantias emprestadas são, em média, de 27 dólares por pessoa. Desde quando foi criado, em 1976, o Banco Grameen já emprestou mais de 3 bilhões de dólares e acumulou mais de 2,4 milhões de clientes. A taxa de inadimplência fica em torno de 2% e a principal precaução tomada para que as dívidas sejam pagas é emprestar preferencialmente para mulheres, que perfazem 94,6% do total de clientes.

No Brasil, temos atualmente cerca de trinta bancos do povo, criados por administrações estaduais e municipais (a maioria ligada ao PT) e financiados pelo BNDES, mas não são comparáveis ao banco Grameen. “Essa experiência de Bangladesh exige um trabalho solidário com as pessoas mais pobres. As nossas iniciativas são menores e existem em Porto Alegre, Brasília, Rio de Janeiro, Santo André, em São

Paulo e todos são muito parecidos com os bancos regulares. Nosso sistema está engatinhando e, apesar de todos esses bancos afirmarem que desejam conceder crédito solidário, o fazem em escala muito pequena”, afirma Paul Singer.

A economia solidária no Brasil carece de maior apoio governamental. “O Estado, desde o nível federal até o municipal, teria como adotar políticas tributárias e outras que poderiam mudar o quadro atual. O governo que está envolvido de forma mais plena é o do Estado do Rio Grande do Sul, por meio do governador Olívio Dutra. Um fato significativo foi o convênio feito por eles com a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão, Anteag, que já garantiu a não-perda e a criação de 9.000 postos de trabalho”, comenta Gonçalves.

De sua parte, a sociedade civil também tem dado seu empurrãozinho por meio de instituições não-governamentais, no fomento de cooperativas. É o caso da Agência de Desenvolvimento Solidário, ligada à Central Única de Trabalhadores, CUT, com seis escritórios espalhados pelo país atuando nas áreas de formação, incubação, política de crédito, pesquisa e ação institucional. Por sua vez, a Unitrabalho, Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas Sobre o Trabalho, realiza pesquisas e projetos sobre o mundo do trabalho tendo como missão resgatar a dívida social que a Universidade tem com os traba-

lhadores. Dentre os projetos que executa está a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (as ITCPs), coordenada pelo próprio Gonçalves Guimarães.

Essa rede foi lançada em março de 1999 e hoje abrange treze universidades. Seu objetivo é colocar a pesquisa, a tecnologia e o conhecimento das universidades à disposição dos trabalhadores que queiram se organizar em cooperativas. “Proporcionamos trocas de experiências, intercâmbios de idéias e a construção de novos paradigmas, que vão desde o papel da universidade nesse processo até o conceito do cooperativismo”, comenta Gonçalves. Uma universidade coligada é a USP, cuja incubadora passou a funcionar no final de 1998, recebendo grupos com propostas para a formação de cooperativas e para um curso. “As pessoas que contatam as incubadoras procuram trabalho e renda imediata, mas mostramos que o processo de formação de uma cooperativa é longo e demanda participação dos associados em muitas reuniões para que se possa ficar bem inteirado”, comenta Allan Rodrigues, psicólogo e formador da incubadora da USP, além de cooperado em uma cooperativa de psicólogos que está se formando dentro da própria ITCP-USP. Até o momento, a incubadora já deu à luz três cooperativas legalmente constituídas e possui, em fase de gestação, quatorze outras, objetivando os mais diversos segmentos. ●



Bob Paulino/Folha Imagem

De cima para baixo: Allan Rodrigues, da ITCP-USP; Egeu Furtado, da CUT; Elda Machado, da Unipsico e Paul Singer, economista.

Cooperativas, cooperados e empregados por ramo no Brasil

Ramo	cooperativas	cooperados	empregados
Agropecuário	1.437	856.202	106.753
Consumo	191	1.473.038	7.952
Crédito	920	1.407.089	16.908
Educacional	210	48.403	2.505
Energia e Telecomunicação	184	551.799	5.355
Especial	4	25.484	14
Habitacional	216	53.011	2.063
Mineração	21	1.899	28
Outros	2	40	0
Produção	107	6.011	38
Saúde	698	297.521	19.340
Serviço	1	20	0
Trabalho	1.661	293.499	6.422
Total	5.652	5.014.016	167.378

Fonte: OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras/ dezembro de 1999

Passo a passo: como organizar uma cooperativa

1. Reunir um grupo de no mínimo 20 pessoas.
2. Procurar apoio de uma incubadora ou de um órgão público que preste esse serviço para que avalie a viabilidade econômica do empreendimento e fazer um curso de cooperativismo.
3. Realizar Assembléia Geral de constituição da cooperativa e aprovação de seu estatuto, previamente elaborado.
4. Registrar a cooperativa na Junta Comercial do Estado, apresentando os seguintes documentos:
 - Requerimento à Junta Comercial - formulário único, que se encontra disponível para a venda nas papelarias.
 - Três vias da Ata da Assembléia Geral de Constituição e do Estatuto da cooperativa. Uma das vias deve ser original e assinada por todos os fundadores. As outras vias podem ser fotocópias, desde que autenticadas em cartório.
 - Ficha cadastral da cooperativa.
 - Ficha de Inscrição de Estabelecimento-sede (CGC), em três vias, acompanhada de fotocópia do CPF do responsável legal perante o CGC.
 - Comprovante de pagamento do Darf em quatro vias.
 - Recolhimento de taxa pelo serviço prestado pelas Juntas dos Estado, usando-se para isso o documento de arrecadação adotado pela Junta Comercial de cada Estado.
5. Toda cooperativa deve registrar-se na OCE, Organização das Cooperativas, do seu Estado.

Cooperativas, nova perspectiva de mercado para a psicologia

A economia solidária é um campo alternativo, com possibilidades de bons resultados também para a prática da Psicologia. Temos atualmente várias cooperativas de psicólogos em fase de formação ou já atuando no mercado, em áreas diversas (leia na página 14). “A rigor, não se pode dizer que essa prática seja uma novidade na Psicologia. Desde muito temos observado a formação de grupos não exatamente para se organizar como cooperativas, mas como Ongs ou, antes mesmo de se falar em Ongs, como escritórios de serviços, com propostas de trabalho diferentes da clínica elitizada e do trabalho em empresas capitalistas”, afirma Odair Furtado, vice-presidente do CRP SP.

Conjuntamente ao Sindicato dos Psicólogos de SP, Sinpsi, o Conselho paulista vem estimulando o debate sobre o tema. No dia 28 de agosto, dentro da programação da Semana do Psicólogo, foi realizada a mesa-redonda “Cooperativas: uma nova perspectiva para inserção do psicólogo no mercado de trabalho”. Além disso, o Conselho está, concretamente, incubando uma cooperativa: a dos usuários, familiares e técnicos da Associação Franco Basaglia que, por meio de um convênio, está cuidando do Café Diversidade, espaço de alimentação e arte que funciona todas as sextas-feiras, a partir das 19 horas, no jardim dos fundos de nossa sede. O Café teve suas novas instalações inauguradas no último 27 de agosto.

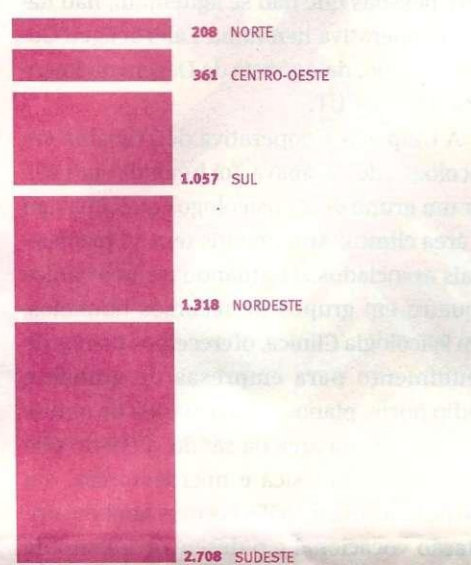
As possibilidades de atuação dos psicólogos por meio do cooperativismo são vastas. Vão dos trabalhos sociais, junto a comunidades e instituições, até as atividades mais convencionais, como a clínica. “Seja qual for o campo de atuação, os profissionais que quiserem montar uma cooperativa devem se preocupar fundamentalmente com sua viabilidade econômica. Pode-se buscar um campo novo, concepções próprias ou uma área com a qual se tenha maior afinidade. Porém, a clínica não precisa ser descartada como algo estranho a uma cooperativa”, observa Odair.

Para o psicólogo Egeu Gomes Furtado, coordenador das atividades nacionais de

formação de cooperativas da Agência de Desenvolvimento Solidário, órgão vinculado à CUT, as cooperativas podem auxiliar no fortalecimento da profissão. “Os psicólogos, em sua maioria, são profissionais que não têm patrão e isso pode levar ao entendimento de que não têm também a necessidade de se agrupar em cooperativas. Mas isso não é verdadeiro, pois um outro objetivo das cooperativas é fortalecer os profissionais enquanto classe. Nesse sentido, a cooperativa pode criar uma representação social e econômica para os psicólogos. Além disso, uma cooperativa pode ser uma instituição de Psicologia e não necessariamente de psicólogos, permitindo que um coletivo exerça a atividade em termos de pesquisa, reflexão, produção de conhecimentos, publicando livros etc. Isso rompe com essa postura isolacionista que tem caracterizado a profissão”, argumenta. Egeu, que também integra o grupo que está organizando uma cooperativa de psicologia por meio da ITCP-USP, aposta ainda na formação de uma futura “rede de cooperativas de Psicologia”, o que poderia conferir maior força política ao segmento.

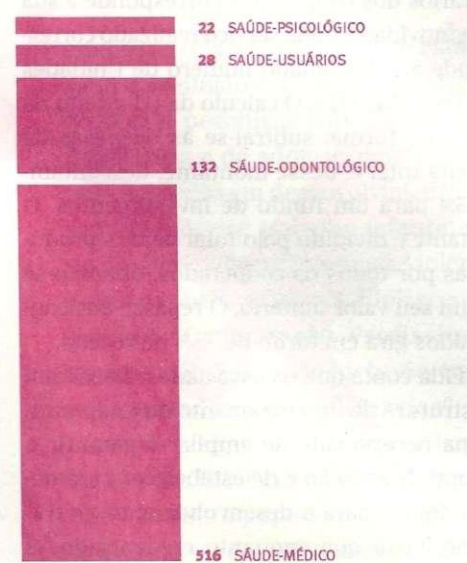
E os psicólogos podem não apenas se beneficiar com o incremento da economia solidária. Podem também colaborar diretamente para o seu desenvolvimento. “A economia solidária representa uma mudança fundamental de valores e de comportamentos. Na sociedade capitalista em que vivemos, nós somos desde muito cedo condicionados e socializados para trabalhar como assalariados ou ser dono de empresas capitalistas. Na economia autogestionária, as pessoas são patrões de si próprias e cada trabalhador é responsável pelo conjunto da empresa. Isso exige uma enorme mudança de comportamento em relações aos companheiros, aos clientes, aos fornecedores, que é em grande medida psicológica. O apoio de psicólogos pode ser importante no entendimento dos mecanismos emocionais que, certamente, estão muito presentes nesse processo de mudança”, analisa o economista Paul Singer. ●

Cooperativas por região



Fonte: OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras/ dezembro de 1999

Subdivisões das cooperativas de saúde no Brasil



Fonte: OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras/ dezembro de 1999

Cooperativas, cooperados e empregados no ramo da saúde, por região

Região	Cooperativas	Cooperados	Empregados
Centro-oeste	45	7.457	1.279
Nordeste	156	29.209	2.551
Norte	24	3.324	931
Sudeste	370	231.450	11.283
Sul	103	26.081	3.356
Total	698	297.521	19.340

Fonte: OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras/ dezembro de 1999

Cooperativas de psicologia que já se tornaram realidade

São muitas as experiências de cooperativas de Psicologia no país. Em São Paulo, temos cooperativas já com até cinco anos de atuação, caso da Unipsico de Caçapava. Outras, com estatuto pronto, em breve entrarão em atividade, como a Mutuação, Cooperativa de Psicólogos em Ação Solidária. Existem ainda grupos em fase de gestação, como o da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP. "O mais importante é o trabalho em grupo. Uma cooperativa precisa ter viabilidade social, pois não adianta apenas ter apenas viabilidade econômica. Se forem vinte pessoas que não se agüentam, não haverá cooperativa nenhuma", alerta Egeu Gomes Furtado, da Agência de Desenvolvimento Solidário/CUT.

A Unipsico, Cooperativa de Trabalho em Psicologia, de Caçapava, foi fundada em 1995 por um grupo de 23 psicólogos que atuavam na área clínica. Atualmente, tem 35 profissionais associados, 31 atuando na área clínica e quatro em grupos de recursos humanos. "Em Psicologia Clínica, oferecemos planos de atendimento para empresas de grande e médio porte, planos para usuários de outras cooperativas na área da saúde, além do plano para pessoa física e microempresa, em fase de lançamento. Oferecemos também orientação vocacional e o desenvolvimento de serviços nas áreas de RH, hospitalar e escolar", comenta Elda Varanda Dunley Guedes Machado, psicóloga clínica e presidenta da Unipsico.

Nessa cooperativa, o pagamento dos honorários dos cooperados corresponde à sua produtividade. Cada serviço realizado corresponde a determinado número de Unidades de Trabalho, UTs. O cálculo da UT é feito da seguinte forma: subtrai-se as despesas da receita total e, desse montante, descontam-se 5% para um fundo de investimentos. O restante é dividido pelo total de UTs produzidas por todos os cooperados, obtendo-se assim seu valor unitário. O repasse aos cooperados gira em torno de 75% da receita.

Elda conta que os associados "basearam a estrutura de funcionamento da Cooperativa na necessidade de ampliar e garantir o campo de atuação e de estabelecer parâmetros dignos para o desenvolvimento do trabalho, visto que enquanto credenciados a uma seguradora ou a um convênio estariam à mercê de condições e valores de atendimentos estabelecidos por profissionais de outras áreas. Acreditamos que ninguém melhor que nós psicólogos para vender nosso trabalho". O movimento financeiro da Unipsico Caçapava cresceu 400% nos últimos três anos, considerando a média anual de receita e a média de honorários pagos aos cooperados.

A Unipsico de Caçapava é na verdade apenas um braço de uma rede nacional de cooperativas de Psicologia que atua em parceria. Ao todo, a rede Unipsico reúne 25 cooperativas em todo o país, dentre as quais nove em São Paulo. A Unipsico da Capital está no momento em fase de constituição. Nesse sentido, a rede Unipsico guarda muita semelhança com a famosa cooperativa de

médicos Unimed. A grande diferença está na forma de remuneração dos associados. Em vez de Unidades de Trabalho, na Unimed os médicos recebem por uma tabela de preços fixos, da mesma forma como acontece nos planos de saúde normais.

Em Santo André, um grupo de 30 psicólogos está concluindo o processo de formação da Cooperativa Mutuação. "O nome surgiu de mútua ação mesmo, com o significado de cooperação e mutação também, que tem tudo a ver com o cotidiano dos psicólogos", conta Taís Grespan Souza, psicóloga e diretora-presidenta. O processo de montagem da cooperativa teve início com pesquisas no Sebrae, na Internet e no Sindicato das Cooperativas de SP, até chegar à Incubadora de Cooperativas mantida pela Prefeitura de Santo André, que deu suporte e ofereceu cursos durante três meses. A diretoria da Mutuação ainda tem dois anos para se regularizar - prazo aceito pela lei para que uma cooperativa em formação -, período em que contará ainda com o apoio da Incubadora. "No início, eles ficaram receosos pois estavam acostumados ao trabalho com cooperativas populares. A nossa gerou desconfiança, por contar com pessoas de nível universitário. Eles temiam criar uma cooperato", comenta Flávio Urra, psicólogo e cooperado. Cooperato é uma cooperativa que se desvia do caminho da economia solidária.

O objetivo da Mutuação volta-se para a Psicologia com compromisso social. "Nossa proposta é ampliar o acesso à Psicologia, hoje elitizado, também às pessoas de baixa renda, além de fazer serviços de avaliação e seleção de pessoal para comércios pequenos, que não podem contratar uma assessoria de recursos humanos, como padarias, escolas etc. Mesmo o atendimento clínico, queremos possibilitá-lo a quem não pode pagar os preços normais do mercado. Porém, nossa prioridade é mesmo o trabalho comunitário", comenta Taís. Propostas já estão surgindo, como uma parceria com a ONG, Movimento de Inclusão dos Deficientes, Mide, para um trabalho com mães de deficientes. "O primeiro grupo contará com 23 mães, que vão cuidar da decoração do nosso chá-bingo em reciprocidade ao atendimento que vamos prestar a elas", detalha Taís. Outra parceria com o Centro de Referência aos Maus-tratos da Infância, Crami, também está sendo encami-



Grupo de psicólogos que forma a cooperativa Mutuação, Santo André, SP: Flávio Urra é o segundo da dir. para esq.; em primeiro plano, Taís Grespan.



nhada. "Queremos atuar em campos que não estão sendo ocupados, sem competir com quem está arraigado no mercado", afirma a associada da Mutuação, que pretende também oferecer atendimento psicológico para outras cooperativas.

Formada por 40 psicólogos, a cooperativa que está sendo gestada pela ITCP/USP ainda está discutindo os tipos de serviços e produtos que vai oferecer. "Há pessoas que se identificam com a prática clínica, num processo terapêutico normal que incluía também um plantão psicológico. Porém, foi também levantada a possibilidade de realizarmos um serviço de atendimento itinerante", conta Allan Rodrigues Dias, pertencente ao grupo. Outra demanda que a cooperativa tem discutido é a da Psicologia Social. "Pensamos a possibilidade de atuar em comunidades, num processo em que a remuneração não viria da população local, mas de parcerias com ONGs, fundações e órgãos públicos. O que não podemos é confundir nosso trabalho com filantropia, pois não podemos trabalhar sem remuneração", define Allan. ●

São Paulo precisa de saúde mental

Na cidade de São Paulo impera a prática e a lógica manicomial. A maioria dos paulistanos está desassistida. Na falta de uma rede articulada de atenção em saúde mental, procura-se os pronto-socorros. Esses, não contando com qualquer retaguarda terapêutica, encaminham os pacientes para os leitos manicomiais da cidade – sempre “insuficientes” –, para manicômios de cidades do interior ou simplesmente não os atendem...

Há 1.270 leitos SUS na Capital e 18.602 no Estado. Os 13 ambulatórios de Saúde Mental, os dois CAPs, os HDs da Prefeitura e o Programa de Saúde Mental do Projeto Qualis/PSF são serviços complementares ou pequenas ilhas substitutivas. Insignificantes, se lembrarmos de que a cidade possui próximo de dez milhões de habitantes. Para as pessoas que entram em crise psicótica, em *overdose* de cocaína, *crack* ou em crise alcóolica: a polícia, o pronto-socorro, o linchamento ou simplesmente o abandono.

É o que constatam nossas duas equipes volantes de saúde mental em seu peregrinar pelas casas e barracos de Sapopemba e Vila Nova Cachoeirinha. Nosso *setting* é móvel, nossos pacientes são escolhidos pelo critério de maior gravidade, necessidade verificada pelos agentes comunitários de saúde que moram no território. A responsabilidade é dividida entre as equipes volantes e as equipes de saúde da família. A metodologia que elaboramos se baseia na surpresa, na escuta, na compreensão dos interlocutores invisíveis e na elaboração de um programa para cada família. Sem os dispositivos tradicionais, como consulta psiquiátrica, consulta psicológica ou visita domiciliar e uma clínica cartográfica, podemos contar com os dedos de uma mão os pacientes internados, e nossas equipes volantes, mais do que insuficientes (são 5 técnicos em Sapopemba e 6 na Cachoeirinha), atendem, em parceria com as equipes de saúde da família 2.605 pessoas em máxima dificuldade.

Embora estejamos alcançando bons resultados, de vez em quando somos obrigados a internar pacientes em hospitais psiquiátricos por absoluta inexistência de camas não manicomiais. Há pouco tempo uma família de 22 pessoas, que tem duas jovens mulheres psicóticas (uma delas em

franca reabilitação), decidiu amarrar uma delas na cama sábado, até a chegada da equipe na segunda-feira. A mãe temia a ida ao PS, pois, segundo ela, a internariam e “de cada internação elas voltam pior”.

A toda hora precisamos ir aos hospitais resgatar pessoas e produzir encaminhamentos que as sustentem na organização sanitária e nos recursos descobertos na comunidade. Em nosso caminhar vemos uma quantidade impressionante de pessoas em sofrimento grave que são abandonadas à violência ou que caem na máquina iatrogênica da psiquiatria. E diga-se de passagem, cada leito custa R\$ 700,00/mês, ao passo que nosso usuário não chega a custar R\$ 1,00 *per capita*. Esse seria o custo da equipe completa, incluindo capacitação e supervisão das que não dispomos, pois a saúde mental não parece importar muito aos administradores do Projeto Qualis.

Com o Programa em risco, dadas as dificuldades que enfrentamos, nos sentimos convocados a nos constituirmos em analisadores da situação em que se encontra a saúde mental desta cidade monstruosa pelo tamanho e pela crueldade. Por isso, nesta hora, em que há possibilidades que num futuro próximo seja efetivado o Sistema Único de Saúde, temos condições de voltar a sonhar. De sonhar e planejar um sistema substitutivo de saúde mental que reduza as internações psiquiátricas, o suicídio, a violência domiciliar e comunitária, o uso suicida de drogas e que retome, em larga escala, o processo de construção da cultura antimanicomial, lançado em 1986 pela Plenária de Trabalhadores em Saúde Mental e continuado durante a administração Erundina.

Mas não devemos esquecer de que essa cidade nunca teve um sistema de atendimento substitutivo. Que o modelo preventivo está falido e que a equipe mínima (composta por um psicólogo, um assistente social e um psiquiatra) não é capaz de suportar nem dar continência à crise, que os Caps não abrem de noite nem aos feridos e que se de verdade se pretende construir um sistema que mereça o nome de

“O misterioso sistema dos preconceitos. De sua consistência, seu número e sua ordem depende que o homem envelheça mais ou menos depressa. Onde quer que se tema uma transformação há um preconceito. No entanto, não escapamos à transformação: a recuperamos com grande força e só então voltamos a ser livres.”

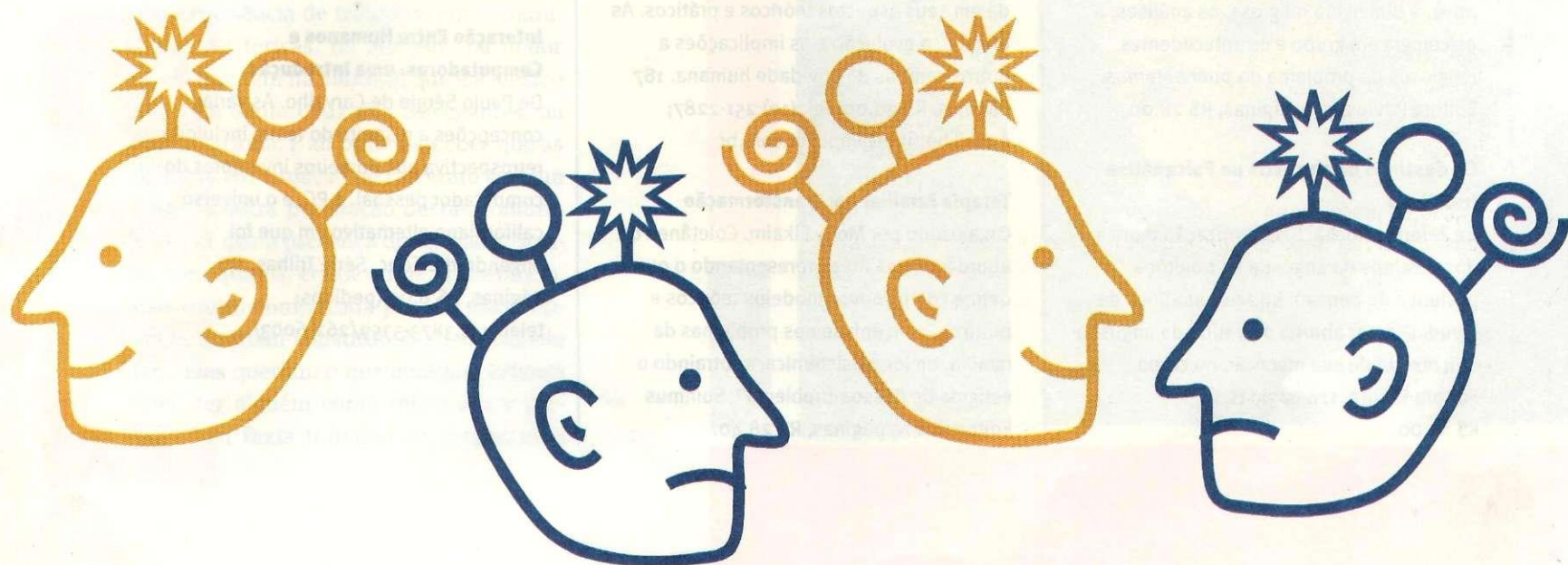
Elias Canetti

substitutivo, haverá que começar por atender as pessoas mais necessitadas dando continuidade terapêutica à ação das emergências, além de organizar uma rede entre elas.

Essas pessoas têm uma infinita capacidade de solidariedade e, quando tratadas, são capazes de ser tolerantes. Mas a cidade é miserável em termos de políticas públicas que dêem continuidade ao processo de inserção social. Temos como fundamentação nesse caminho a experiência de Santos, primeira cidade brasileira sem manicômios, com 600 camas não manicomiais (6 para cada 100.000 habitantes), suficiente se conectadas aos processos de reabilitação. Não se trata de reeditar este ou aquele modelo, pois a revolução psiquiátrica que pode ser empreendida terá necessariamente a invenção como método.

Antonio Lancetti

Psicólogo psicanalista e analista institucional, foi assessor do Programa de Saúde Mental de Santos (1989-1992), secretário de Ação comunitária da Prefeitura de Santos (1993-1996) e coordena o Programa de Saúde Mental do Projeto Qualis/PSF.



A fronteira se diz na língua do outro

Livros como este se contam com um só dedo, diria, parafraseando o ato falho que Freud analisa em seu livro das piadas. E vou dizer o que faz dele um *hapax*: a façanha de dizer o que a sua análise lhe ensinou em uma tese acadêmica, sem recorrer a um único clichê, sem contar nenhum caso (sobretudo, não o de si mesma) e pon-do todo o cuidado em desenvolver com seriedade o pretexto que a levou a escrever, a fronteira.

De que falo? Da publicação do livro de Caterina Koltai sobre o estrangeiro. Não sou um leitor isento nem objetivo: a Caty é minha amiga. Essa confissão serve apenas para que se saiba que eu estava lá, meninos, eu vi quando ela subia pelas paredes por conta das paixões desencadeadas por e durante sua análise. Este livro é o resto caído dessa experiência. Não se achará nele, porém, nem sombra das obscuridades que parasitam as biografias. O que ele faz é mostrar aos acadêmicos que é possível ensinar um tema teórico - o racismo, no caso - com uma voz particular sem aviltar a necessária objetividade. E aos psicanalistas, que se pode dar a conhecer o mais singular da própria análise dissertando sobre um assunto que em aparência está afastado da cama, da mesa e do banho.

Mas eu falava da fronteira, “[e]ntendida como uma projeção topológica sobre o lugar de uma realidade social, que representa o ponto de ruptura de uma lei e tem a particularidade de já ser, na maioria das vezes, nomeada na língua do vizinho. Assim, a palavra *grenze* em alemão teria sido tomada de empréstimo aos vizinhos eslavos; a palavra *frontière* em francês viria do latim *frons* utilizada pelos romanos para indicar a fronteira espanhola, enquanto o *border* inglês viria da *bordure* francesa”.

A partir desse achado, que a fronteira se diz na língua do outro, ela pretende fazer-nos acreditar que escreve nas bordas da psicanálise e da sociologia $\frac{3}{4}$ “da política”, nas suas palavras (o título da tese, que não foi conservado, era “o estrangeiro, um conceito-limite entre o psicanalítico e o político”). Digo que faz finta, porque o estrangeiro da Koltai não é nenhum *borderline*, é um conceito raptado na melhor tradição freudiana ao campo a que pertence de direito, o sociopolítico, e levado para dentro do psicanalítico para melhor servir esse último. Talvez amanhã, e graças em parte a esse livro, o estrangeiro possa retornar desde a psicanálise para iluminar melhor outros campos do saber, incluída a própria sociologia. Não existem “conceitos-limite”, um conceito pertence a um campo ou a outro do conhecimento, e este é um conceito psicanalítico construído a partir de um conceito de outro campo, como todos os outros que constituem esta disciplina. Não ter deixado esta operação

clara me parece a única fraqueza desse livro, de resto muito corajoso.

A bem da verdade, suspeito que esse compromisso representado pela noção espúrea de “conceito-limite” deve-se ao esquecimento da autora de que, embora a fronteira se diga em gringo, o controle imigratório se diz na língua nacional apenas (seja qual for sua etimologia). E se esqueceu é por ter sido ela mesma tantas vezes submetida ao controle alfandegário dos guardas fronteiriços da instituição psicanalítica. Aqueles que pretendiam fazê-la renunciar à sua bagagem sociológica e política em nome de uma suposta nacionalização psicanalítica, que se revelou (que ela mesma ajudou a revelar) reles provincialismo. São os mesmos que hoje fazem congressos sobre o mal-estar na civilização, de Freud; os mesmos que se maravilham perante o “visionário” Lacan, que na década de sessenta antecipou a escalada segregacionista no mundo unificado pelos mercados. Enfim, talvez seja a eles que se dirige quando escreve: “O analista não pode se permitir nada querer saber daquilo que se passa em torno dele uma vez que, quer queira, quer não, acabará sendo interpelado pelos acontecimentos”.

Ricardo Goldenberg

Política e Psicanálise – O Estrangeiro, de Caterina Koltai, Editora Escuta, 160 páginas, R\$ 25,00. Tels. (11) 3675 1190, 3865 8950 e 262 8345; e-mail: pulsiona@uol.com.br

Estante

Psicoterapia

De Marie-Louise von Franz. Doze artigos que exploram aspectos da psicoterapia em perspectiva junguiana: terapia individual de C.G. Jung, a função inferior, a imaginação ativa, a dimensão religiosa, as análises, a psicologia em grupo e os antecedentes religiosos do problema do *puer aeternus*. Editora Paulus, 352 páginas, R\$ 28,00.

Os destinos da angústia na Psicanálise freudiana

De Zeferino Rocha. Sistematização teórica dos destinos da angústia na trajetória evolutiva do pensamento psicanalítico de Freud. O autor aborda o destino da angústia que resulta de sua inscrição no corpo. Editora Escuta, 176 páginas, R\$ 25,00

Terapia centrada no cliente: um caminho sem volta

De Newton Tambara e Elizabeth Freire. A terapia centrada no cliente, originalmente formulada por Carl R. Rogers, é apresentada em seus aspectos teóricos e práticos. As origens, a evolução e as implicações a outros campos de atividade humana. 187 páginas, R\$ 20,00. Tel. (19) 251-2287; e-mail: bethfrei@mpcnet.com.br

Terapia Familiar em Transformação

Organizado por Mony Elkaim. Coletânea de abordagens na área, apresentando o que define como “novos modelos teóricos e práticos, com ênfase nos problemas da família, de forma sistêmica, subtraindo o estigma de pessoa-problema”. Summus Editorial, 224 páginas, R\$ 28,40.

Terapia Gestáltica e a Inversão da Queda

De Alejandro Spangenberg. A grande revolução contemporânea passaria pela prática do amor e seu aprendizado. Editora Paulinas, 256 páginas, R\$ 19,50.

Interação Entre Humanos e Computadores: uma Introdução

De Paulo Sérgio de Carvalho. As várias concepções a respeito do tema, incluindo retrospectiva aos primeiros inventores do computador pessoal, o PC, e o universo californiano alternativo em que foi engendrado. Educ, Série Trilhas, 171 páginas, R\$ 8,00 (pedidos: telefax 11.3873-3359/262-6003).

Qualidade de vida na era da Internet



Desde a década de 70, com a informatização e a chegada das novas tecnologias digitais, existe uma tendência a culpabilizar as tecnologias pelas dinâmicas sócio-humanas indesejáveis que observamos, como os altos índices de violência, o aumento da pobreza e da fome, o problema do trabalho infantil, a crescente onda de exclusão social e o aumento das desigualdades sociais. Tudo isso e mais as doenças do trabalho (como a LER - lesão por esforços repetitivos), que dizem derivar do uso excessivo das máquinas.

Todo esse raciocínio crítico e, em certa parte, saudável deriva muitas vezes de uma lógica causalista e muito simplista. Este artigo tenta elucidar a questão e mostrar que, muitas vezes, não se está refletindo nem se dialogando com o contexto em que essas doenças aparecem. As novas tecnologias - e aí incluo os computadores, a Internet, a realidade virtual - dizem de um movimento cultural e social mais complexo do que apenas um superavanço técnico. Elas trazem paradoxos à tona, trazem questões e potencializam as pessoas, tanto no que podem oferecer de coisas boas como também de más relações.

O computador e as novas tecnologias não são dispositivos monstruosos com "autonomia" para viciar as pessoas, como acontece com os psicotrópicos ou as drogas pesadas. Ocorre que, devido a um contexto social e cultural, as pessoas muitas vezes não conseguem vivenciar em seu cotidiano relações satisfatórias, sociáveis, saudáveis, compensatórias e, pela Internet - por exemplo -, descobrem um modo de interação que lhes pode dar tudo isso de modo muito intenso. Ali o rapaz tímido, que nunca conseguiu namorar, consegue experimentar papéis que o fortalecem enquanto imagem, o apresentando como um sedutor que escreve bem. Ele consegue

poder, vivencia papéis que socialmente não consegue. Nessa experiência, ele tanto poderá potencializar essa relação doente, muitas vezes se distanciando mais da realidade, como também poderá adquirir uma outra percepção do mundo e melhorar. Não há uma regra fixa e determinante de que a máquina autogere subjetividades doentes.

Mesmo as doenças que parecem provir do uso das tecnologias, como a própria LER, têm uma contextualização multideterminante da qual não se fala. Temos de repensar e esclarecer que essas doenças ligadas num primeiro instante ao uso indiscriminado de computadores na realidade vêm ecoar um movimento cultural muito mais complicado. Vivemos numa época de vazio ético, em que as artes e as ciências buscam novos paradigmas; uma época de índices de violência urbana exorbitantes e de um cenário social muito fragmentado. É muito superficial discutir se o sujeito tem medo (fobia) porque o computador o isola do mundo. Não seria também porque ele percebe que vive em uma sociedade que não construiu dispositivos e relações suficientemente seguras? Ou porque o desamparo e o individualismo estão se sobrepondo ao grupo e à colaboração o levando a encontrar no computador um meio de expressão e compensação dessa realidade complicada e paradoxal?

Quais seriam, então, as prevenções ao chamado "netvício" ou à LER? Sem pensar muito, eu diria que elas se resumem a ter "qualidade de vida", incluindo nisso a possibilidade social de o sujeito exercer seu papel de cidadão democraticamente, responsável, com acesso à educação e à saúde. Não podemos condenar o computador como o mal do fim do século, que deixa pessoas viciadas, loucas e solitárias. Não são as máquinas que nos deixam doentes,

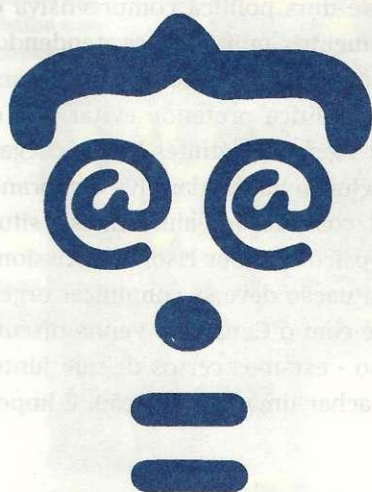
mas os próprios seres humanos e suas relações desordenadas com o mundo.

Certamente não é saudável querer compensar na Internet nossas frustrações cotidianas. Isso pode fazer com que uma pessoa adoça, como ocorreria em qualquer caso de pessoas que estabelecem uma relação com o mundo direcional, sem pluralidade e riqueza - como por exemplo alguém que só lê romances. Mas assim como há aqueles que adoecem potencializando suas dinâmicas subjetivas doentes na Internet, há outros que descobrem nela uma nova forma de conhecer gente, criando comunidades virtuais *offline* que se encontram diariamente; gente que usa a nova tecnologia para ampliar suas relações e sua conscientização sobre o mundo.

A Internet e o universo das novas tecnologias estão marcados pela multiplicidade e por infinitas possibilidades de uso e reflexão. Por isso, são vãs essas tendências de desenhar um perfil para os internautas, para os chamados netviciados... Só se conseguíssemos, antes, desenhar um perfil amplo do humano dos séculos 20 e 21 e, pelo que sei, não conseguimos isso nem com o humano dos séculos anteriores. Somos plurais, paradoxais, complexos. O quanto sabemos de nós mesmos até hoje? Basta atentar para doenças como a AIDS ou para as guerras que ainda acontecem. Do pouco que sabemos ou pensamos saber, é preciso respeitar a diversidade e a diferença. Se olharmos e nos relacionarmos com a sociedade respeitando sua diversidade, certamente não ficaremos tão doentes e não precisaremos mais culpar os computadores, os romances ou o cigarro por nossos males maiores.

Fabiana Tavolaro Maiorino

Psicóloga e mestranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP,
email: fmaiorino@uol.com.br



VIII Telelacri/2001: inscrições abertas

As inscrições para o VIII Telecurso de Especialização na área da Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes – Telelacri 2001 –, que será ministrado pelo Laboratório de Estudos da Criança do IPUSP, estão sendo realizadas e irão até o dia 31 de outubro. Trata-se de um curso de Educação Continuada à Distância (EcaD), ministrado em nível de especialização, com 360 horas, das quais 320 em regime de ensino à distância e 40 em regime presencial por meio de Curso de Atualização.

Podem se inscrever profissionais de diversas áreas (Serviço Social, Psicologia, Direito, Medicina, História, Enfermagem, Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia etc). Para a seleção, os candidatos devem se organizar em equipes multiprofissionais e preparar um pequeno projeto de atuação na área da Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes, que será avaliado pela Coordenação do Curso. Preço: R\$ 560,00 (quinhentos e sessenta reais), em 8 parcelas, incluindo materiais instrucionais e taxa de inscrição. Maiores informações: www.usp.br/ip/laboratorios/lacri e-mail: lacri@sti.com.br

Psicologia auxilia tratamento de câncer

Iniciou atividades em julho o Chrono, Centro Humanístico de Recuperação em Oncologia e Saúde, serviço de psicooncologia que funciona na Clínica do IPUSP. O trabalho contará com a participação de alunos do curso de pós-graduação e de voluntários que vêm recebendo treinamento sobre a prática da psicooncologia desde o início de 1999. Pioneiro no Brasil, esse atendimento obedecerá ao modelo psicossocial utilizado em serviços similares existentes na Europa e EUA. A meta principal é fornecer apoio psicológico no momento do diagnóstico, durante o tratamento e na reabilitação da doença, além de prestar orientação à população na prevenção ao câncer. O serviço funcionará no Bloco de Serviços do IPUSP, Av. prof. Mello Moraes, 1721, Bloco D. Informações: (11) 9358-5986 e 9358-5963, e-mail: chronos_usp@hotmail.com, site www.napacancer.com.br/chronos

Tire suas dúvidas

Será que você está ok com o Conselho?

O Conselho tem ampliado sua comunicação de forma a manter o profissional informado sobre as questões administrativas e legais que regem o exercício profissional. Mas isso depende também da colaboração do psicólogo, que deve manter seu cadastro atualizado e estar atento às questões legais.

É de extrema importância que o psicólogo mantenha sua situação legal certa-

da. Para exercer a profissão, ele deve estar regularmente inscrito no Conselho, em relação à documentação e ao pagamento de anuidades.

Um problema sério é a existência de psicólogos que ainda não trouxeram seu diploma para concretizar sua inscrição. Essa pendência pode levar ao cancelamento do registro profissional. Por isso, se você está nesta situação, não perca tempo: apresente logo o documento original e evite transtornos.

Outra dificuldade são os atrasos das anuidades. A taxa é determinada por lei federal, sendo compulsória e sem possibilidade de anistia. Diante das dificuldades econômicas que todos vivemos no Brasil o Conselho tem procurado facilitar a regularização da situação dos inadimplentes. Extratos descritivos dos débitos foram enviados aos inadimplentes para que esses psicólogos tomassem ciência de sua situação. Através do setor de Atendimento, o psicólogo tem acesso à negociação a partir de uma política compreensiva de parcelamentos, muitas vezes atendendo a situações particularizadas.

Essa política pretende evitar que os débitos sigam os trâmites legais, chegando à inclusão na dívida ativa e cobrança judicial, complicando ainda mais a situação do psicólogo. Por isso, o profissional nessa situação deve se comunicar urgentemente com o Conselho. Venha discutir seu caso - estamos certos de que juntos vamos achar uma boa solução. É impor-

tante lembrar que, mesmo no casos de psicólogos que desejem optar pela interrupção do exercício profissional e cancelamento do registro, é preciso estar em dia com as anuidades. A falta de pagamento pura e simples pode sim implicar o cancelamento do registro. Nesse caso, porém, a dívida continuará existindo e poderá ser cobrada judicialmente.

A situação fica ainda mais grave quando os problemas se sobrepõem, ou seja, casos de inadimplência e cadastro desatualizado, pois se torna impossível ao Conselho cientificar o profissional devidamente. Colabore com os colegas, perguntando a eles se têm mantido o cadastro atualizado, pois caso contrário não estarão recebendo esta e outras informações importantes. Mantenha-se também alerta à legislação que rege nosso exercício profissional.

Para atualização de cadastro, regularização de inadimplência e informações relacionadas à legislação, o profissional deve entrar em contato com o setor de Atendimento: e-mail info@crpsp.or.br, fone/fax (11) 3061-9494. Se preferir, pode comparecer pessoalmente na sede do Conselho e aproveitar para conhecer a programação e participar diretamente dos eventos e decisões da categoria. ●



Controvérsias sobre a imagem do psicólogo na mídia

A mídia tem sido alvo de muita controvérsia na categoria. Na maioria das vezes, os psicólogos manifestam sua indignação por verem sua imagem vilipendiada. Por outro lado, declarações de psicólogos inseridas nas mais diferentes reportagens criam polêmicas, pois tornam públicas divergências que bem representam a diversidade de teorias e práticas no campo da Psicologia. Nem sempre os psicólogos percebem que ficam a serviço dessa mídia que busca criar impacto e usa indevidamente a Psicologia.

O Conselho Regional de Psicologia SP tem considerado que não pode em nenhum momento cercear a liberdade de expressão. Mas todas as vezes em que vêm a público um fato, uma propaganda ou uma reportagem que denigrem a profissão, tem-se posicionado e manifestado de forma contundente.

Pensamos que a mídia deve ser utilizada pelos psicólogos; contudo, também pensamos que ela deve ser usada para esclarecer

a sociedade sobre a Psicologia e suas possíveis contribuições às transformações sociais. Isto é, não podemos pegar carona em tragédias pessoais ou sociais para divulgar a Psicologia ou oferecer serviços.

Principalmente, temos de ter em mente o uso que a mídia faz (e por que não dizer os próprios psicólogos) de "laudos psicológicos" para definir as personalidades de pessoas envolvidas em situações críticas.

O nosso Código de Ética determina que: "Art. 2º Ao Psicólogo é vedado:

Alínea b) apresentar publicamente, através dos meios de comunicação, resultados de psicodiagnóstico de indivíduos ou grupos, bem como interpretar ou diagnosticar situações problemáticas, oferecendo soluções conclusivas."

O que esse artigo nos impede? Impede que joguemos palavras ao vento. Impede que usemos de generalidades teóricas da Psicologia para definir estados psicológicos de

pessoas que não conhecemos e que não estão em tratamento psicológico conosco (e mesmo que estivessem também não poderíamos publicar o que conhecemos sobre elas). Impede, em suma, que nossa conduta profissional seja antiética, no sentido de que não poderemos psicologizar episódios tão complexos, determinados por uma diversidade de elementos.

Acreditamos que os psicólogos podem e devem usar a mídia, mas também devem estar atentos ao fato de que a mídia também estará usando do que for dito por eles, basicamente, para formar a opinião pública que muitas vezes já foi direcionada. Toda cautela é pouca, pois, com afirmações descontextualizadas, podemos estar caminhando na contramão dos direitos humanos e contribuindo para uma imagem da Psicologia como profissão com poderes de avaliar e julgar qualquer situação que envolve seres humanos, independentemente do conhecimento que se tenha da mesma. ●

Agenda

Outubro

- [13] **Videoclube CRP SP – Ciclo "Fases do Preconceito"**. Filme "Vera", tema: Transsexualidade. Horário: 19h00; local: auditório do CRP SP.
- [19] **Ciclo de Debates "Preconceito: violação aos direitos humanos e sofrimento psíquico"**. Tema: "Etnia, gênero e idade". Organização: Comissão de Direitos Humanos. Horário: 20h00; local: auditório do CRP SP.
- [21] **Encontro de Psicoterapia Breve**. Organização: Inst. Sedes Sapientiae. Local: Rua Ministro de Godoy, 1.484. Informações: (11) 3873-2314, e-mail: sedes@sedes.org.br
- [25 a 29] **VII Congresso Internacional de Gestalt**. Local: Hotel Glória, Rio de Janeiro, RJ. Informações: Congrex do Brasil (21) 509-4080, fax: (21) 509-1492; email: congrex@ax.apc.org
- [26 a 28] **X Congresso Argentino de Psicologia: "La Psicología em el Siglo XXI: Vigencia de sus Practicas"**. Coordenação: Colégio de Psicólogos de la Provincia de Santa Fe. Local: Centro de Convenções – Patio De La Madera, Rosário, Argentina. Informações: (0341) 425-7652; e-mail: val@infovia.com.ar, site: www.unl.edu.ar/psi
- [26 a 29] **XXX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia**. Local: Brasília, DF. Informações: (16) 625-9366; e-mail: sbp@netsite.com.br
- [26] **Reunião Aberta da Comissão de Esporte CRP SP**. Horário: 20h00; local: Auditório do CRP SP.

- [27] **Videoclube CRP SP – Ciclo "Fases do Preconceito"**. Filme "Ou Tudo ou Nada", tema: Desemprego. Horário: 19h00; local: Auditório do CRP SP.
- [28] **Fórum Estadual da Luta Antimanicomial**. Horário: das 10h00 às 13h00; local: Auditório do CRP SP.

Novembro

- [09] **Ciclo de Debates "Preconceito: violação aos direitos humanos e sofrimento psíquico"**. Tema: "Diversidade e psicologia". Organização: Comissão de Direitos Humanos CRP SP. Horário: 20h00; local: Auditório do CRP SP.
- [10] **Videoclube CRP SP – Ciclo "Fases do Preconceito"**. Filme "Minha Vida em Cor-de-rosa", tema: Orientação sexual. Horário: 19h00; local: Auditório da sede do CRP SP.
- [11] **Fórum Estadual da Luta Antimanicomial**. Horário: das 10h00 às 13h00; local: Auditório do CRP SP.
- [10 e 11] **XIII Jornada Reich no Sedes: "A Clínica Contemporânea nas Fronteiras da Ciência e da Arte"**. Organização: Dep. Reichiano do Inst. Sedes Sapientiae. Local: Rua Ministro de Godoy, 1.484. Informações: (11) 3873-2314; e-mail: sedes@sedes.org.br
- [23] **Ciclo de Debates: "Preconceito: violação aos direitos humanos e sofrimento psíquico"**. Tema: "Direitos sociais". Organização: Comissão de Direitos Humanos CRP SP. Horário: 20h00; local: Auditório do CRP SP.

- [24] **Videoclube CRP SP – Ciclo "Fases do Preconceito"**. Filme "O Ódio", tema: Etnia. Horário: 19h00; local: Auditório do CRP SP.
- [30] **Reunião Aberta da Comissão de Esporte**. Horário: 20h00; local: Auditório do CRP SP.

Dezembro

- [02] **Fórum Estadual da Luta Antimanicomial**. Horário: das 10h00 às 13h00; local: Auditório do CRP SP.
- [07] **Ciclo de Debates "Preconceito: violação aos direitos humanos e sofrimento psíquico"**. Tema: "Movimentos sociais e cidadania". Organização: Comissão de Direitos Humanos CRP SP. Horário: 20h00; local: Auditório do CRP SP.
- [08] **Videoclube CRP SP – Ciclo "Fases do Preconceito"**. Filme "Estação Doçura", tema: Obesidade. Horário: 19h00; local: Auditório do CRP SP.
- [22] **Videoclube CRP SP – Ciclo "Fases do Preconceito"**. Filme "Garota Interrompida", tema: Loucura. Horário: 19h00; local: Auditório da sede do CRP SP.

Atenção:

Os eventos do CRP SP acontecem no Auditório da sede, na Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América, São Paulo, SP. Informações e reservas: (11) 3061.9494 (Secretaria). E-mail: info@crpsp.org.br Home-page: <http://www.crpsp.org.br>